

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

GABRIEL HIDEKI SAITO BECCA

(DES)ENCONTROS DOS LUGARES EM “VIDAS PASSADAS” (2023)

Maringá
2024

GABRIEL HIDEKI SAITO BECCA

(DES)ENCONTROS DOS LUGARES EM “VIDAS PASSADAS” (2023)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Profa. Dra. Jéssica Soares de Freitas

Maringá
2024

GABRIEL HIDEKI SAITO BECCA

(DES)ENCONTROS DOS LUGARES EM “VIDAS PASSADAS” (2023)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Jéssica Soares de Freitas

Aprovado em: 24/01/2025

Banca examinadora

Prof. Dra. Jéssica Soares de Freitas (Orientadora)
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Prof. Dr. Carlos Roberto Bernardes de Souza Jr
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Prof. Dra. Juliana Maddalena Trifilio Dias
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

RESUMO

A Geografia, concebida como uma narrativa da experiência humana na Terra e uma expressão da geograficidade, estabelece um diálogo significativo com as linguagens artísticas. Essas manifestações, ao traduzirem a geograficidade em diversas formas de expressão, têm revitalizado a relação entre a ciência geográfica e as artes, especialmente no contexto da abordagem cultural da Geografia. O cinema, com sua habilidade de capturar e traduzir o mundo-da-vida por meio das narrativas visuais, evoca as essências dos lugares por meio de sua diversidade artística. Ao integrar elementos como personagens, conflitos e emoções, os filmes criam experiências imersivas que permitem aos espectadores habitarem espaços imaginários. Assim sendo, este trabalho propôs discutir o vínculo entre lugar, memória e tempo no filme *Vidas Passadas* (2023), destacando como esses conceitos se entrelaçam na construção das relações humanas e na experiência do habitar. A partir de uma abordagem interdisciplinar que integra a Geografia Humanista e a análise fílmica, a pesquisa adota uma abordagem fenomenológica qualitativa para compreender as representações e os vínculos do lugar apresentados no filme *Vidas Passadas* (2023). A coleta de dados foi realizada por meio da revisão bibliográfica de trabalhos sobre as relações com o lugar e da seleção e interpretação de fotogramas. A análise fílmica detalhada buscou interpretar os significados presentes nos diálogos e nos elementos visuais, articulando-os à fundamentação teórica sobre o lugar. O estudo concluiu que “*Vidas Passadas*” revela uma compreensão ampliada dos significados geográficos, ao explorar como lugar, memória e tempo são forças interdependentes amparadas pelo afeto, subjetividades e significados que moldam a experiência humana e a relação com o mundo.

Palavras-chave: Geografia e Cinema; Lugar; Memória; Vidas Passadas.

ABSTRACT

Geography, conceived as a narrative of human experience on Earth and an expression of geographicity, establishes a meaningful dialogue with artistic languages. These manifestations, by translating geographicity into various forms of expression, have revitalized the relationship between geographical science and the arts, especially within the framework of the cultural approach to Geography. Cinema, with its ability to capture and translate the lifeworld through visual narratives, evokes the essence of places through its artistic diversity. By integrating elements such as characters, conflicts, and emotions, films create immersive experiences that allow viewers to inhabit imaginary spaces. Thus, this study aimed to discuss the connection between place, memory, and time in the film *Past Lives* (2023), highlighting how these concepts intertwine in the construction of human relationships and the experience of dwelling. Through an interdisciplinary approach that integrates Humanistic Geography and film analysis, the research adopts a qualitative phenomenological approach to understand the representations and connections to place depicted in *Past Lives* (2023). Data collection was carried out through a bibliographic research of works addressing associations with place and the selection and interpretation of movie frames. The detailed film analysis sought to interpret the meanings present in dialogues and visual elements, linking them to the theoretical foundation on place. The study concluded that *Past Lives* reveals an expanded understanding of geographic meanings by exploring how place, memory, and time are interdependent forces supported by affection, subjectivities, and meanings that shape human experience and the relationship with the world.

Keywords: Geography and Cinema; Place; Memory; Past Lives.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Uso de composição <i>frame within a frame</i>	21
Figura 2 – Brecha conflitiva entre os protagonistas	22
Figura 3 – A primeira despedida	23
Figura 4 – Vivências da infância dos protagonistas na Coreia do Sul	26
Figura 5 – Hae Sung busca satisfação sobre o passado, ficando apenas com desolamento	31
Figura 6 – Os três personagens buscam entender os laços que os unem e os separam ..	38
Figura 7 – A escola se torna uma testemunha da infância que prenuncia um futuro imprevisível	41
Figura 8 – A amizade surge e se desfaz, em meio a uma linha que divide, mas não separa completamente.....	43
Figura 9 – Duas existências que se encontram novamente, carregando o fardo do que se foi.....	51
Figura 10 – Um adeus silencioso ao passado e às promessas não realizadas.....	52

SUMÁRIO

1. Introdução	7
2. Geografia, imagens e experiências: trajetórias filmico-geográficas	10
2.1. Encontros de Geografia, arte e cinema	10
3. “Se você abandona uma coisa, acaba ganhando outra”: Lugar(es), habitar(es) subjetividade(s) em “Vidas Passadas”	16
3.1. Em busca do habitar entre vidas passadas	16
3.2. O habitar na trajetória migrante de Nora	19
3.3. Ritmos e dinâmicas dos lugares que deixamos nas vidas passadas	23
4. “Coreanos não ganham o prêmio Nobel de literatura”: Corpos-lugares entrelaçados em “Vidas Passadas”	29
4.1. Trajetórias entre(laçadas) de vidas, memórias e lugares	29
4.2. Estranhamentos e (des)conexões de lugares recordados	34
5. “E se você não tivesse saído de Seoul? Se você não tivesse partido, e tivéssemos crescido juntos, eu teria procurado você?”: Geografias dos (des)encontros nas/das “Vidas Passadas”	40
5.1. Lugar de origem, memória e as “faltas” das vidas passadas	40
5.2. Desejos, corpos e vínculos de lugar	45
6. Considerações finais	55
7. Referências	57

1. Introdução

A Geografia, como narrativa, está profundamente ligada à dimensão existencial do indivíduo. A busca pela compreensão do mundo, a formação de cosmovisões e a elaboração de narrativas que dão significado ao ato de viver na Terra são traços fundamentais da humanidade.

Neste contexto, a Geografia vai além da simples descrição objetiva de fenômenos naturais ou sociais, abraçando as poéticas e os imaginários que permeiam as vivências humanas. Ela se apresenta como uma ciência de encanto, uma exaltação do diálogo, dos valores e dos significados que surgem das interpretações e experiências no ambiente habitado.

Pensar em Geografia é questionar o sentido de narrar o mundo, é observar os modos de ser e estar no planeta como tramas que formam uma narrativa da geograficidade. Neste contexto, refletir sobre a Geografia implica reconhecer a conexão entre ciência e expressão, na qual o cinema surge como uma forma única de desvendar o mundo, expondo as conexões profundas que ligam as pessoas aos espaços que permeiam sua vida.

Ao registrar as vivências humanas em seu aspecto sensível, o cinema surge como uma linguagem potente para elucidar os significados que permeiam a experiência espacial. Ele reafirma-se como uma força narrativa das vivências humanas que desvenda a complexidade de nossas relações com o lugar.

No campo das geografias filmicas contemporâneas, emergem debates sobre o papel do filme como representação. A perspectiva do filme é dada como uma construção discursiva e interpretativa, um campo onde as imagens não apenas refletem, mas reconfiguram o mundo. Esse entendimento valoriza o cinema como uma tessitura afetiva que revela e abre espaço para novas conexões entre a ordem imagética contemporânea e as interpretações geográficas.

Partir da premissa de que a Geografia é uma forma de falar sobre a experiência humana na Terra permite um olhar mais atento às relações entre a ordem imagética contemporânea e as interpretações geográficas. Utilizando os conceitos de *Do Nascimento* (2021), o geógrafo descobre sua verdadeira vocação no equilíbrio entre razão e imaginação: a habilidade de admirar, ponderar e sentir.

Elaborar uma geografia do extraordinário, que exalte o fascínio e reconheça o aspecto onírico da vida, não é somente um desafio, mas também uma chance. O objetivo é criar uma narrativa geográfica que capture o encanto da vivência humana na Terra,

dando importância tanto aos elementos quantificáveis quanto aos intangíveis do mundo. A perspectiva geográfica não deve se limitar ao previsível e quantificável, já que o verdadeiro propósito da Geografia é entender a totalidade da vida humana, estimulando a habilidade de se maravilhar, imaginar e reafirmar a própria experiência no mundo.

No cenário contemporâneo das geografias filmicas, este trabalho buscou tecer as cosmovisões e narrativas do mundo tomando como ponto de partida o filme "Vidas Passadas" (2023), cuja narrativa instiga reflexões sobre as relações entre lugar, memória e subjetividade. A partir dessa obra, compreende-se como os protagonistas representam e vinculam-se aos lugares em suas trajetórias.

Inspirado por essa abordagem, o estudo insere-se no campo das geografias filmicas e tem como objetivo geral compreender as representações e vínculos de lugar no filme a partir da percepção dos protagonistas. Para isso, foram propostos três objetivos específicos: identificar as relações entre os lugares e a construção da subjetividade dos personagens; avaliar as interações entre lugar, memória e tempo por meio da narrativa da obra e desvelar as interações entre a corporeidade e os vínculos de lugares das trajetórias dos personagens.

Para compreender as representações e vínculos do lugar conforme apresentadas no filme, o trabalho se embasou em uma abordagem fenomenológica. Foram utilizados a análise de trabalhos acadêmicos que tratam das relações do lugar e a identificação das representações dos lugares no filme. As cenas foram selecionadas e interpretadas com base em categorias previamente definidas, como paisagens, memória e elementos culturais.

Na primeira seção do trabalho, intitulada *Geografia, imagens e experiências: trajetórias filmico-geográficas*, são abordadas as interseções entre a Geografia e a linguagem cinematográfica como possibilidades criativas de imersão entre novas percepções de mundo e como elas, no campo existencial fenomenológico, preconizam discursos no campo geográfico.

A seção seguinte, "*Se você abandona uma coisa, acaba ganhando outra*": *Lugar(es), habitar(es) subjetividade(s) em "Vidas Passadas"* aborda as relações do habitar e a construção da subjetividade utilizando os lugares que os protagonistas da obra experienciam como manifestações de suas ambições e desejos. Este capítulo parte da reflexão de que o pertencimento e o desarraigamento aos lugares agem como motores pela busca por novas identidades e sentidos para a vida. Assim, a noção de ser e estar

situado no mundo são construídas e desconstruídas ao longo da vida à medida em que as nossas trajetórias nos afetam.

Em sequência, o capítulo *“Coreanos não ganham o prêmio Nobel de literatura”*: *Corpos-lugares entrelaçados em “Vidas Passadas”* enfatiza as relações do corpo com a memória vivida. O passado comum compartilhado é presentificado através do corpo e interpretada pelos personagens do drama, implicando nas disposições daquilo que foi e daquilo que virá.

O último capítulo, *“E se você não tivesse saído de Seoul? Se você não tivesse partido, e tivéssemos crescido juntos, eu teria procurado você?”*: *Geografias dos (des)encontros nas/das “Vidas Passadas”*, reflete sobre as implicações dos vínculos dos lugares nas trajetórias de vida. Este capítulo explora como os lugares circunscrevem as ausências e distanciamentos para além das materialidades e assim se tornam marcas emocionais reveladas nos (des)encontros entre os protagonistas.

2. Geografia, imagens e experiências: trajetórias filmico-geográficas

A arte revela uma rica polissemia em sua possibilidade de se manifestar por uma produção criativa. A sua abordagem multifacetada profere sua capacidade de mobilizar inquietações, sentimentos, ideias, ela transcende sua materialidade. Essa aproximação se faz interessante à Geografia na medida em que, de acordo com Corrêa (2007, p.7):

As formas simbólicas, materiais ou não, constituem signos construídos a partir da relação entre formas, os significantes, e os conceitos, os significados. As formas simbólicas, no entanto, são sujeitas a interpretações distintas, caracterizando-se por uma instabilidade de significados, por uma polivocalidade.

A representação artística é uma evidência das condições da existência. A obra se torna o entroncamento das experiências do artista e dos espectadores. Ao considerar a Geografia e as representações artísticas, o Cinema ultimamente se revelou como uma ótima convenção para a fundamentação interpretativa no campo geográfico.

A linguagem cinematográfica relativa ao uso de técnicas de fotografia, montagem, trilha sonora, roteiro e personagens na construção da percepção do imaginário, encorajam a adoção das perspectivas filmico-geográficas. As imagens em movimento são capazes de permear os sentidos dos espaços simbólicos e reais para além da narrativa visual que se apresenta na tela.

2.1. *Encontros de Geografia, arte e cinema*

A Geografia, como uma parte integrante do estudo das espacialidades, preconiza a presença de percepções multifacetadas desse espaço e entrelaçam as vivências e identidades para além da dimensão objetiva e extensiva. A geografia contemporânea tem coordenado uma compreensão profunda e existencial da experiência humana e das relações entre os indivíduos e o mundo.

Desse modo, essa outra forma de entender a ciência geográfica trata sobre as condições que compõem uma experiência geográfica, conforme discorre Dardel (2020, p.2),

A geografia é, segundo a etimologia, a “descrição” da Terra; mais rigorosamente, o termo grego sugere que a Terra é um texto a decifrar, que o desenho da costa, os recortes da montanha, as sinuosidades dos rios, formam os signos desse texto. O conhecimento geográfico tem por objetivo esclarecer esses signos, isso que a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino.

Temos assim um dos espectros da ciência geográfica. A reflexão espacial está composta por questões fundamentais sobre sua ontologia, de forma a envolver sua concepção do percebido e do vivido construindo experiências.

Por esse princípio, a Terra seria o suporte material primordial e condição para qualquer sujeito confirmar sua consciência e subjetividade. É nela que o ser humano estabelece sua forma de perceber e ser percebido pelo mundo (Dardel, 2020). Desse modo, a Geografia não se limita à mera localização e descrição de fenômenos como eles se apresentam, mas busca decifrar os signos exprimidos enquanto possibilidades ontológicas.

Os enfoques das experiências e da consciência dos sujeitos demonstram a interface entre a fenomenologia e a geografia humanista e cultural ao explorar as categorias de espaço como ressignificações de construtos sociais e culturais (Correia, 2006). As relações englobam o imaginário do modo de reprodução da vida, ou seja, de como as pessoas interagem e atribuem significados em suas dimensões existenciais.

O fenômeno é a interface entre o pensamento e a coisa, emergente da intencionalidade que é conferida pelo sujeito cognoscente. A partir da suspensão de preconceções, se reconhece que a consciência é um processo contínuo de mudança e transformação (Serpa, 2019). Cada experiência do mundo é, logo, intimamente marcada por elementos subjetivos e intersubjetivos que são vividos por meio do corpo.

Num entrelaçamento de ser e mundo, o corpo não é apenas um objeto passivo, mas um ser intencional, direcionado para o mundo. É através do corpo que nos relacionamos, que sentimos, percebemos e agimos. O corpo é o nosso primeiro instrumento de relação com o mundo. Através dos sentidos, experimentamos o espaço de forma sensorial, percebendo texturas, temperaturas, cheiros e sons.

De acordo com Nóbrega (2016, p.33):

É a partir da experiência sensível que atribuímos sentidos e conhecemos o mundo, os fenômenos, as situações, as relações. Nesse contexto, a sensação não é apenas um dado físico, mas o sentido para mim, o modo como as coisas, as pessoas e as situações me afetam.

O corpo-próprio (*corps propre*) não é apenas um conjunto de órgãos, mas um ser intencional, que se projeta no mundo e que está sendo constantemente afetado. A experiência sensível é a forma como percebemos e interpretamos o mundo em que estamos corporalmente imersos. Essa vivência tece uma ligação profunda, mostrando que

a consciência não é uma entidade separada do corpo e do mundo. Nessa confluência Chaveiro (2014, p. 250) pontua que

É da atitude do corpo constituir-se como substância da ação. Andar e ver; comer e dormir; trabalhar e descansar; correr e comprazer; gritar e silenciar; falar e encontrar; beijar e fugir - eis o corpo em ação se fundindo ao lugar para, em devires sociais, históricos, culturais, tornar-se corporeidade.

A ação constante das corporeidades no espaço corresponde às diversas experiências de existir. Na visão de Tuan (1983, p.151): “espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado”. Desse modo, o lugar é a concretização espacial substanciada pela ação dos corpos em dinamismo que desenvolvem e alimentam os símbolos, as representações e os afetos. Assim sendo:

O movimento intencional e a percepção, tanto visual como háptica, dão aos seres humanos seu mundo familiar de objetos díspares no espaço. O lugar é uma classe especial de objeto. É uma concreção de valor, embora não seja uma coisa valiosa, que possa ser facilmente manipulada ou levada de um lado para o outro; é um objeto no qual se pode morar. (Tuan, 1983, p. 14).

Nessa abordagem que valoriza os seres e os espaços por eles habitados, o ato de narrar se torna uma representação de uma construção simbólica das memórias e experiências sensoriais que perpassam na relação com o espaço. O imaginário que se estabelece na estruturação da narrativa compreende a reflexão sobre as experiências, o contador e os ouvintes esbarram em suas próprias percepções e intimidades. Ocorre que:

Quando se conta uma história, uma pessoa, em contato com outra(s) pessoa(s), traz para o momento presente através da linguagem (verbal, gestual, corporal), uma experiência humana para ser vivenciada, na tentativa de se reaproximar, ao recontar daquilo que foi vivido, daquilo que foi experienciado, num esforço de compartilhamento de algo que lhe foi imprescindível, marcante, tocante ou, no mínimo, curioso. Ao se contar uma história o momento presente ganha a vivência do passado ou do futuro, o tempo é suspenso e o cruzamento das temporalidades no aqui e agora é encarnado pela presença do contador de histórias. (Cinelli; Torres, 2020, p. 176).

As ações criadoras dos seres humanos são importantes por serem capazes de moldar nossa percepção da realidade e ressignificar a identidade. Do mesmo modo, elas transmudam os lugares, os quais são reinterpretados e recriados através dos cortes pelo tempo e o espaço. Desse modo, não distante dessa concepção, o cinema se direciona para uma possibilidade de compreensão sobre a realidade representada.

Através das telas observamos o questionamento situado em uma leitura a partir do real (Neves, 2010). A conjunção da linguagem fílmica com as categorias geográficas demonstra o aspecto ativo das alusões projetadas nas imagens. Esse encontro, para além de apresentar uma realidade, também cria e potencializa as capacidades de se pensar e ocupar o mundo. Como pontua Neves (2010, p.146),

Neste sentido, a questão que se apresenta não está em como devemos olhar e mostrar o que há de geográfico em uma obra cinematográfica, mas sim, estabelecer qual a geograficidade existente em uma obra fílmica e a qual(is) geografia(s) esta obra permite existir.

As geograficidades emergem na perspectiva da experiência cinematográfica não como apenas a identificação e exibição de elementos geográficos presentes e a valorização de elementos estéticos em uma obra, mas como um modo de entender quais geografias ela habilita em sua constituição. Queiroz Filho (2011, p.66) demonstra essa coerência ao argumentar que:

Escolher um filme como objeto de preocupação e reflexão é realizar um percurso no entendimento de que o cinema, através de sua linguagem, realiza uma 'grafia de mundo'. Ou seja, estamos partindo do pressuposto de que a experiência do cinema é uma experiência geográfica, porque assumimos que há uma dimensão espacial inerente à linguagem cinematográfica perceptível em todas as suas obras: os filmes.

O cinema não possui a obrigação de retratar a realidade de forma objetiva e integral. Isto corresponde às características expressivas e potenciais do cinema de criar, modificar e representar o espaço geográfico. Tanto cinema quanto a Geografia possuem o caráter recíproco de situar e revelar o espaço.

A experiência cinematográfica é emitida pelas dimensões físicas e sociais, sendo a expressividade elemento de ligação entre o mundo real e o mundo das representações simbólicas. Não há distanciamento dos campos, ambos se encaminham para o entendimento espacial sobre o mundo, tal como qualquer outro de origens fictícias. Essa perspectiva múltipla desbrava o que é apresentado pela superação dos entremeios da ciência geográfica e da linguagem cinematográfica. Partindo dessa sobreposição imaginativa, estabelecemos conexões da dimensão analítica, empregando os termos de Oliveira Jr (2014, p.128):

Os sentidos – ou mesmo o sem-sentido – que nos chegam da narrativa é que irão dar existência às personagens e cenários. Daí dizermos que um ambiente visto num filme só se torna existente em nós quando nos afeta de alguma forma, tornando-se então um local narrativo, ganhando sentido na história que nos está sendo contada em imagens e sons. Em muitos filmes, esse sentido nos chega em estreita conexão com o lugar geográfico ao qual o ambiente, onde se passam as ações do filme, remete, alude, evoca. É importante destacar esses verbos, pois com eles busco apontar que o cinema não nos mostra um lugar, mas sim nos remete a ele, alude ou evoca certas paisagens, certos ícones, certos sentidos e formas desse lugar, trazendo-o para o filme não em sua inteireza, mas na inteireza do fragmento que foi aludido, evocado, para o qual fomos remetidos.

Os filmes refletem os valores e as normas culturais de uma determinada época e sociedade, eles carregam consigo uma carga simbólica. Assim, as geografias fílmicas, ao

invés de se limitarem à análise da representação da realidade nos filmes, concentram-se nas significações que os espaços cinematográficos carregam, revelando as manifestações das relações entre cultura, sociedade e poder, o que possibilita que elas desvelem os estados emocionais, sociais e as experiências de vida.

Trata-se de buscar entender como a realidade geográfica se manifesta nas experiências individuais e coletivas que emergem das experiências geográficas vividas ao longo da existência. Mais que se debruçar sobre os lugares geográficos que são capturados pela lente da câmera, almeja-se pensar nas discursividades geográficas presentes nos locais narrativos.

O cinema estabelece um universo distinto, com suas normas, leis e tempos, que aparentemente se distancia da realidade fora do contexto cinematográfico. A imersão é crucial para entender que a revelação do filme não está apenas em seu caráter mimético e representacional, mas também, em estar inserido em um universo narrativo único, com suas próprias regras, leis e, claro, seus lugares.

Quando somos lançados diretamente em um universo (des)conhecido, somos instigados a investigar suas características únicas e somos convidados a vir-a-habitar aquela geografia. Ao entrarmos neste ambiente intradieético, experimentamos o local não somente como uma representação, mas como um descolamento das possibilidades intersubjetivas.

Pode-se considerar que “Ao assistirmos um filme, nós somos mobilizados de algum modo pelas suas imagens e sons. Nela grudamos os nossos sustos, nosso desconhecido, nossa trajetória e caminhamos para encontrarmos outros adensamentos.” (Queiroz Filho, 2007, p. 76). Ou seja, ao assistir a um filme pretensiosamente vivenciamos uma experiência geográfica na medida em que a linguagem cinematográfica nos transporta para diferentes espaços e nos convida a construir nossas próprias interpretações.

Esse processo é fruto de um caráter essencial do próprio conhecimento da dimensão antropológica e do anseio de dizer e espriar a vivência própria de nossas trajetórias. Ele nutre, assim, um encontro de reverberações subjetivas no caráter do fantástico, daquilo que é narrado e projetado.

Conforme discorre Oliveira Jr (2014, p. 123), “[...] busco dizer que tanto os locais narrativos ganham existência a partir de memórias e materialidades que não se descola dos lugares geográficos além-cinema quanto os lugares geográficos ganham existência no interior mesmo de narrativas, sejam elas amparadas em imagens e sons ficcionais,

sejam em palavras e mapas científicos”. Ou seja, o sentido narrativo do lugar, diegético, compreende o envolvimento intrapsíquico e identitário. Desse modo, encontramos um eco de nossa alma, um reflexo dos desejos, potências e aversões.

Não obstante, o espaço geográfico ainda é indissociável de sua materialidade, solidificado com os aspectos tangíveis que se revelam através de elementos técnicos como a fotografia, a cenografia e a escolha de locações, tornando-se parte integrante da produção de narrativas e associações (Fioravante, 2018).

A geografia, em diálogo com outras áreas do conhecimento, como a arte, a literatura e a filosofia, as múltiplas dimensões do espaço a imaginação em uma ferramenta fundamental para a produção do conhecimento geográfico. Observa-se que “Ao longo da narrativa, algumas espacialidades, personagens, coisas e sensações são encarnadas na imaginação. São essas espacialidades que interessam, porque elas dão a possibilidade de pensar espacialmente a narrativa, numa geografia da história contada.” (Cinelli; Torres, 2020, p. 197).

As narrativas proferem espaços físicos e imaginários que ao serem apresentados ganham vida na mente do ouvinte. Essa geografia da imaginação reflete tanto a experiência do narrador quanto a do ouvinte, estabelecendo um elo entre ambos. Logo, a imaginação é o alicerce tanto da ciência quanto do pensamento e renova o contato com as faces idôneas do espaço.

3. “Se você abandona uma coisa, acaba ganhando outra”: Lugar(es), habitar(es) subjetividade(s) em “Vidas Passadas”

Histórias podem ser contadas como fragmentos das manifestações de uma realidade que transcende o individual, os filmes são vislumbres dessas manifestações, comunicando significados que vão além do caráter consciente e que escoam as grafias do mundo. Essas realidades imaginárias, evidenciadas tanto nos filmes como nas concepções do lugar podem ser mais intensas, poéticas ou perturbadoras do que a realidade que conhecemos. Elas, porém, sempre trazem consigo um registro de instâncias espaço-temporais que podem ser lidas de várias formas.

3.1. Em busca do habitar entre vidas passadas

O longa-metragem “Vidas Passadas” (2023) é um drama escrito e dirigido por Celine Song. A narrativa se concentra nos dois personagens principais, Nora e Hae Sung, amigos de infância que acabam se separando quando a família de Nora decide se mudar da Coreia do Sul, ponto em que a narrativa desponta como um sentimento ambíguo entre a nostalgia e a melancolia. A história, que se desenvolve ao longo de 24 anos, retrata delicadamente a profunda conexão entre os dois amigos de infância, que são separados pela distância e pelas decisões da vida.

A falta de grandes interrupções dramáticas é fundamental para entender a intenção do filme. “Vidas Passadas” (2023), convida a refletir sobre a natureza das conexões humanas. Através da jornada dos personagens da obra é possível perceber os valores e significados profundos sobre a identidade e a concepção sobre seus conflitos e dilemas que as trajetórias entre os lugares expressam em suas vidas. A diretora escolhe uma perspectiva mais contemplativa e introspectiva, subvertendo os estereótipos do romance e dos clichês dos contos de reencontros.

12 anos se passam após a imigração, a reaproximação é mediada por videochamadas instáveis via internet. Nae Young, agora conhecida por Nora Moon, envolvida com uma nova cultura e com os estudos para se tornar escritora, parece ter se afastado de suas origens coreanas. Seu coreano, que antes era fluente, agora só é usado em diálogos isolados com sua mãe e de forma intrincada com Hae Sung. A separação física e temporal parece ter eliminado uma parte de suas recordações e emoções relacionadas a seu antigo interesse romântico.

Por outro lado, Hae Sung aparenta não ter passado por tantas alterações. Ele mantém os mesmos sentimentos por Nora. Contudo, encontra-se retido por uma certa

inércia decorrente do tradicionalismo cultural que o impede de tomar decisões assertivas que modifiquem os rumos de sua vida. Ainda assim, descobrem o quanto ainda apreciam um ao outro. A ausência de fundos para viajar e a impossibilidade de Nora voltar à Coreia geram um impasse na relação.

A disparidade de tempo e a distância entre eles são insuperáveis. Ao perceber que nenhum deles está pronto para se comprometer e procurar um relacionamento autêntico, Nora interrompe o encontro de forma abrupta. Mais 12 anos se passam, Nora, agora casada com Arthur, um homem americano, mantém um relacionamento saudável e busca consolidar sua trajetória literária, ela se depara com um reencontro surpreendente com Hae Sung.

O coreano aparece de novo em sua vida, anunciando uma viagem a Nova York. Nora, mesmo surpreendida, opta por se encontrar com ele. Contudo, a interação aparentemente é superficial, velada por um tour pela cidade, trocando apenas banalidades e lembranças distantes.

Ao longo do filme, as trajetórias dos protagonistas sustentam o caráter geográfico da narrativa. As localidades servem não apenas como um plano de fundo, mas como uma expressão das intersubjetividades, tanto para Nora quanto para Hae Sung. Nesse sentido, cabe considerar que

Os lugares significativos emergiriam num contexto social e através de relações sociais, sendo geograficamente situados e, ao mesmo tempo, relacionados com o entorno social, econômico, cultural, etc. Esse conjunto daria aos indivíduos um sentido de lugar ou um sentido subjetivo de identidade. (Vargas, 2018, p. 329).

Essas dinâmicas refletem a noção de que os lugares não são neutros, posto que são profundamente entrelaçados com a identidade social e emocional dos indivíduos. O filme evidencia como as transformações pessoais de Nora e Hae Sung estão diretamente ligadas ao lugar que habitam, são espaços pulsantes, entrelaçados com a tessitura da identidade social e emocional. O contexto social e cultural influencia suas escolhas e ações, não se limitam a ser pontos fixos de vinculação, mas dialogam com o espaço mais amplo ao seu redor, estabelecendo os lugares interconectados do tempo passado e do presente, do imutável e do mutável.

Dado que a percepção de lugar não é uma vivência individual, ela pode ser compreendida como uma formação relacional advinda da interação com outros indivíduos. Esta (re)construção é tanto pessoal quanto coletiva, isto é, cada indivíduo

atribui uma interpretação individual ao local, porém essa interpretação é formada pelas vivências compartilhadas com os demais.

Os lugares que valorizamos são importantes para a formação da nossa autoimagem e do nosso sentimento de pertença. As pessoas constroem narrativas compartilhadas e um senso de pertencimento a um grupo (Vargas, 2018). O percurso dos personagens pelas diversas áreas são marcos para a trajetória de vida e a formação da identidade. A relação entre Nora e Hae Sung é constantemente redefinida pelo contexto geográfico em que se encontram.

Na trajetória de Nora, a Coreia do Sul na infância se compõe existencialmente como o lugar das primeiras interações, das primeiras amizades, dos primeiros amores, representa o conforto e a presença. Em contraponto, o Canadá demonstra um momento de despedida, de afastamento e mudança. Na fase adulta, os Estados Unidos se torna o palco para o ato final, em que suas trajetórias se delineiam e se se descortinam ao se confundirem em meio às ambiguidades alegria, nostalgia, remorso e anseio.

Cada um desses lugares representa reflexões das decisões tomadas e caminhos de vida percorridos até então, funcionando como marcos situados ao longo do tempo, elucidando como o espaço afeta os personagens e como estes os afetam. A trajetória geográfica dos personagens reitera como eles são clivados pelas suas relações com os lugares.

Marandola Jr (2014) ressalta o lugar como um marco crucial para a nossa existência. É através dele que vivenciamos o mundo em sua realidade, criando laços afetivos, sociais e culturais. Desse modo, para o autor (Marandola Jr, 2014, p.230):

lugar se refere à mundanidade de nosso cotidiano, e por isso ele é fundamental quando pensamos o ser-no-mundo e a existência. Entendido em sua dimensão ontológica, supera os diferentes contextos históricos, transformando-se à medida que se mantém em dia com cada temporalidade. Referindo-se a à própria forma de ser-e-estar-no-mundo, lugar é inalienável e, portanto, permanece como fundante da nossa experiência contemporânea, independente das transformações socioespaciais. Longe de ser estático, ele é dinâmico, pois corresponde à própria essência do ser, que é igualmente viva.

As vivências corporais influenciam nossa visão de nós próprios e do mundo, estabelece a fundação para a imaginação e a memória. Por meio delas, cultivamos um sentimento de identidade e pertença, que está intrinsecamente ligado ao local onde habitamos e às interações que criamos com as pessoas à nossa volta. Trata-se de uma vivência intensa que implica na construção de sentidos e na criação de vínculos emocionais.

O habitar é um processo contínuo de interação entre o indivíduo e o ambiente. Os princípios e costumes transmitidos pelas gerações anteriores nos oferecem um conjunto de ferramentas para administrar a vida cotidiana. Normalmente, a intersubjetividade se apresenta como um sistema estável que aparenta não requerer constante questionamento. Apenas quando nos deparamos com culturas diferentes é que somos estimulados a refletir sobre nossos próprios hábitos e crenças.

3.2. O habitar na trajetória migrante de Nora

Na obra, a resistência silenciosa de Nora, manifestada em sua profunda ligação com o idioma e as lembranças da Coreia, revela a luta interna do migrante entre a necessidade de se adaptar ao novo contexto, ao mesmo tempo que buscam manter as raízes que formam sua identidade. A cultura de origem continua a ser um elo invisível que os conecta ao passado, mesmo quando estão inseridos em um cenário que os obriga a abraçar novos valores e costumes.

Ao deixar o lugar-natal, o migrante enfrenta uma ruptura com os territórios de segurança que moldaram sua identidade. Isso cria um estado de desencaixe espacial e existencial, abalando as bases que sustentam a segurança ontológica. O migrante, ao ser forçado a reconfigurar sua identidade e pertencimento, é levado a estabelecer novas formas de vínculo com o novo território.

O migrante transita entre dois mundos, é um mergulho ao desconhecido, vivenciando a complexidade de viver em um local de ‘entre-lugares’, onde sua identidade é constantemente negociada. Este processo de negociação questiona as representações tradicionais de identidades, considerando que o migrante não é exclusivamente vinculado ao local de origem nem ao de destino. Em vez disso, ele edifica uma identidade híbrida, que mescla componentes de ambos os territórios e espelha o cruzamento de culturas, temporalidades e espacialidades (Bhabha, 1998).

Como demonstra a trajetória de Nora, migrar é habitar a incerteza, esse novo tipo de territorialidade é um deslocamento existencial que abala a segurança e a identidade do migrante. A experiência migratória não se trata apenas de mudar de local, mas de passar por um processo intenso e pessoal de rearranjo do ser, um processo complexo de redefinição da identidade.

A migração desmantela as formas rígidas de identidade, trata-se de um movimento de ruptura e reinvenção tentando preservar sua ligação com o lugar de origem. O movimento migratório é uma transformação radical da relação estabelecida entre o “eu”

e o lugar, uma ruptura com os territórios que foram fundamentais para a construção de suas identidades.

Ao sair de seus lugares natais, ambos são forçados a deixar para trás os espaços da infância, juventude e, no caso de Nora, também da idade adulta. Esse desenraizamento implica em abandonar uma base familiar, um conjunto de referências culturais e afetivas que constituíam a fundação de quem eles eram. Os pés se movem, mas o coração ainda carrega os retalhos de ontem. A segurança proporcionada pela familiaridade com o ambiente é substituída pela incerteza de estar em um lugar de pouca ou nenhuma familiaridade, onde os controles sociais e culturais são outros, e onde o pertencimento não é garantido (Marandola Jr, 2010).

Quando as três dimensões do lar (individual, social e físico) estão sincronizadas ou harmonizadas, o sentimento de “centramento” se manifesta. Esse sentimento de “centramento” é fundamental para a construção de uma identidade de lugar forte e significativa e faz com que a pessoa se sinta protegida, integrada e integrante (Buttimer, 1976, 2015).

Por muitos momentos o espectador é deixado apenas com a troca de olhares persistente entre os personagens e em cenografias diferentes. Em “Vidas Passadas”, o não dito, o longo abraço silencioso de reencontro, carrega tudo aquilo que poderia ter sido, mas não estava determinado a ser. O espaço ao nosso redor é passível de ser sentido e vivido, designa uma natureza (inter)pessoal, convertendo-o em lugar.

A cenografia da obra se passa quase inteiramente em locais que implicam trânsito e fugacidade: barcos, trens, aeroportos, parques, hotéis e passeios de carro. A atmosfera urbana e transitória ressalta a intimidade imposta e o isolamento emocional. Vale destacar o uso frequente de composições *frame within a frame*, onde os personagens observam o mundo e são observados por meio de portas e janelas.

Na Figura 1, através das janelas do trem que testemunhamos por um enquadramento fechado, os personagens se encontram recolhidos dentro do *frame*, cara a cara, as mãos de Nora e Hae Sung, apoiadas na estrutura metálica, representam a profunda ligação entre os dois personagens. O quase toque de suas mãos indica um anseio de conexão física e emocional, que, no entanto, é reprimido. Essas cenas exemplificam a intimidade acanhada e que pertencer em um relacionamento vai além da proximidade física.

FIGURA 1 - USO DE COMPOSIÇÃO *FRAME WITHIN A FRAME*



Fonte: Vidas Passadas (2023), 55min42seg.

Embora habitem espaços vibrantes e dinâmicos, os personagens se sentem emocionalmente isolados, sem conseguir expressar completamente suas emoções devido às constantes contestações de suas (in)seguranças. Na infância compartilhada dos protagonistas predominam as cores quentes, especialmente em parques e escolas. No entanto, na idade adulta, as cores cruas ganham mais destaque.

A predominância de cores neutras e a iluminação artificial, particularmente em tons brancos e pálidos, contribuem para a exibição de um ambiente que se tornou desinteressante para Hae Sung, refletindo sua dispersão e a tempestade emocional. Apesar das luzes neon refletidas pela vasta Seoul ou da imponente urbanização de Nova York, seus olhares vazios revelam seu descontentamento e suas expectativas, focam na incapacidade do personagem de estabelecer conexão com o presente. Ainda em certos momentos a luz amarela e suave ainda acompanha Nora, particularmente em ocasiões mais pessoais quando está com seu marido, demonstrando um acolhimento e conforto.

A linguagem corporal e os olhares dos personagens desempenham um papel crucial ao expressar a dificuldade de comunicação e a sensação de solidão. A disposição desigual da imagem, com os personagens em diferentes perspectivas ou o compasso da câmera em alguns momentos, espelha a discrepância entre o que eles sentem e o que expressam. Pode ser interpretada como uma exteriorização do peso das decisões tomadas ao longo de suas vidas.

Quando acompanhamos o passeio do casal pelo píer do rio Hudson em Nova York, percebemos que a diretora utilizou o cenário como metáfora visual (Figura 2). O

que se situa entre o incômodo e as brechas das conversas sobre o passado inescapável é a ausência que criou esse vazio que espalha os ecos das recordações. O vazio que ecoa em suas lembranças e conversas não é estático, mas uma dimensão que, ao mesmo tempo, envolve e transcende os contextos históricos e espaciais.

FIGURA 2 – BRECHA CONFLITIVA ENTRE OS PROTAGONISTAS



Fonte: Vidas Passadas (2023), 61min22seg.

O lugar, nesse sentido, não é apenas físico, mas também experiencial e relacional. Ele se transforma, acompanhando as temporalidades dos personagens e suas trajetórias de vida, mas sem perder sua essência de fundação do ser-no-mundo. Enquanto os personagens se confrontam com essas lacunas e ausências, eles reafirmam a centralidade do lugar em suas existências (Marandola Jr, 2014). O vazio é mais que a ausência de algo, pois torna-se uma dimensão carregada de memória, afeto e ressonâncias do que já foi, das memórias e significados que continuam a moldar suas experiências contemporâneas.

A representação espacial do carrossel, comumente associado à infância, surge neste contexto como um emblema do tempo que avança e da inviabilidade de retornar ao passado. Ela intensifica a percepção de que as alegrias da infância já se foram e que o presente está caracterizado pela nostalgia e pelo saudosismo, o que se desencanta agora é o real e o agora, expressão do inconsciente.

Enquanto estão passeando as conversas se estabelecem em torno do marido de Nora, ela se recorda das ocasiões em que esteve ali com Arthur. Desse modo, ao se embrenhar no lugar, Nora faz uma comparação entre o passado e o presente, entre um amor experimentado e um amor idealizado que se correlacionam àquele aqui-e-agora que entrelaça sua vida atual e a sua vida passada.

Durante o filme sutilmente somos provocados por uma das questões mais íntimas da existência: “E se?”. A aglomeração das versões não vividas, dos caminhos não trilhados, das possibilidades do que poderia ter sido, são assim as reflexões essenciais que ocorrem a partir do filme.

3.3. Ritmos e dinâmicas dos lugares que deixamos nas vidas passadas

De acordo com Dardel (2011, p. 34), “A realidade geográfica é, para o homem, então, o lugar onde ele está, os lugares de sua infância, o ambiente que atrai sua presença. Terras que ele pisa ou onde ele trabalha, o horizonte de seu vale, ou a sua rua, o seu bairro, seus deslocamentos cotidianos através da cidade.” A geograficidade da despedida entre os dois se revela não apenas como uma bifurcação dos lugares que irão ocupar a partir daí como também um afastamento das pessoas que eram durante a infância.

A cenografia da escada como o ponto de desenlace demonstra a despedida que de fato não se encerra nesse momento, ela persiste através da comunicação visual para os estados emocionais dos personagens (Figura 3). Na condição de um tropo, a figura da escada é recorrentemente utilizada no filme (i.e. Figura 2) como lugaridade que remete às despedidas que partem desse momento fundacional.

FIGURA 3 – A PRIMEIRA DESPEDIDA



Fonte: Vidas Passadas (2023), 09min35seg.

A escadaria dividida sugere que uma vez que os personagens se separam, não há como retornar ao ponto de partida, Nora e Hae Sung já não representam as mesmas pessoas que se despediram naquele dia. A partida simboliza um rompimento com esse idílio, sinalizando o começo de uma nova etapa em suas vidas. Nora se muda para o

Canadá aos 12 anos. Por outro lado, Hae Sung é deixado para trás, quando questionam a mãe de Nora sobre a mudança da família para o exterior, ela responde: “Se você abandona uma coisa, acaba ganhando outra.”

A mudança para o Canadá, abarca o contato com uma nova cultura, ela é obrigada a deixar seu ambiente familiar, seu antigo nome, aprender um novo idioma e se ajustar a uma cultura distinta. Essa vivência repentina a leva a reconsiderar sua identidade e a elaborar uma nova história para si mesma. Isso proporciona à Nora a chance de forjar uma nova identidade, mas também a separação de suas origens, uma alteração direta no seu habitar e na condição relacional com esse lugar. Nesse sentido, pode-se evidenciar que:

No ato/processo de personalizar a sua casa é que o migrante recoloca as bases espaciais de sua existência. Tornando a casa uma expressão de si mesmo, a pessoa traz à tona/convoca o ser. Personalizar a casa é apropriar-se, fixar-se, enraizar-se, sendo, portanto, fundamental para o migrante alcançar tranquilidade e estabilidade ontológica no lugar de destino. A casa é o marco zero de todo o relacionamento espacial e social, servindo como ponto de apoio para que o migrante possa construir e interligar seus lugares. Nesse movimento de expansão, o migrante corrobora para o adensamento da rede social ao mesmo tempo em que tem a possibilidade de participar dela. (Marandola Jr, 2020, p. 412).

Ao deixar seu ambiente familiar, seu nome original, aprender um novo idioma e se ajustar a uma nova cultura, Nora se vê forçada a reconfigurar sua identidade em um contexto completamente diferente. Ela precisa criar uma nova narrativa de si mesma, mas, ao fazer isso, se separa, de certa forma, de quem ela era antes. Ao se distanciar da casa que a mantinha, ela precisa reconstruir um novo lugar que lhe ofereça estabilidade e segurança existencial, distinto do ponto de origem que sustentava sua identidade. Ela descobre na distância o ato delicado de ser simultaneamente partida e chegada, lembrança e reinvenção.

Como destaca Marandola Jr (2020, p. 411):

[...] o migrante sente a necessidade de fixar-se para poder alcançar uma sensação de bem-estar, aliviando o incômodo sentimento de incerteza e instabilidade que perdura e se reforça com a ausência do lugar. No entanto, a fixação do migrante no local de destino tem algumas restrições ou condições em termos de identificação sociocultural e espacial. O envolvimento de um indivíduo com o lugar é um processo complexo que não ocorre aleatoriamente. Alguns fatores encorajam/ incentivam esse envolvimento, enquanto outros repelem qualquer tentativa ou interesse em fazê-lo.

A relação com o lugar de destino é ambivalente, já que existem fatores que a incentivam, como as oportunidades e a liberdade proporcionadas por esse novo ambiente, mas também há barreiras que podem repelir qualquer tentativa de enraizar-se completamente.

Essa tensão entre assimilação e resistência é uma constante para migrantes, pois, ao tentar encontrar um equilíbrio entre os valores de sua cultura de origem e os novos valores do lugar de destino, eles criam uma nova forma de ser e viver no mundo. Como a trajetória de Nora é evidência, o migrante, ao recriar as bases de sua existência no habitat, tornar a casa uma extensão de si mesmo implica em se apropriar do espaço, estabelecer raízes e descobrir estabilidade ontológica no novo local.

Neste processo, a casa emerge como um santuário simbólico, um lugar onde o migrante busca (re)criar as bases de sua existência. Personalizar a casa não se trata apenas de ajustá-la às suas necessidades práticas, mas também um ato íntimo de estabelecer os contornos de sua essência onde Nora possa se reconectar consigo mesma.

Tornar a casa um prolongamento da sua identidade requer a apropriação do espaço, convertendo-o em uma projeção de quem ela é e do que aspira ser. Ela começa a reconstruir a continuidade que foi quebrada pela migração ao personalizar esse espaço, estabelecendo novos alicerces para sua existência.

À medida que cresce, a imigrante sul-coreana amplia seus horizontes e descobre seu lugar no mundo. Por outro lado, Nova York, onde se encontram décadas mais tarde, representa a complexidade da vida adulta, com seus objetivos, conflitos e dilemas – tensões que emergem também como constituintes da experiência ambígua do lugar da protagonista. A busca por realização pessoal e a construção de uma vida autônoma exigem que façamos escolhas difíceis e que enfrentemos o desconhecido.

Nora busca construir uma identidade que seja autêntica e que a represente de forma completa. Ela tenta conciliar suas raízes coreanas com sua nova vida enquanto Hae Sung se crava na reconciliação e persistência. A vivência humana é profundamente influenciada por ritmos e ciclos que influenciam a nossa percepção de tempo e de espaço. Desde os ciclos circadianos até as ciclicidades sazonais, esses ritmos biológicos e culturais têm um impacto considerável na nossa relação de pertencimento, repulsa ou atração aos lugares.

Mudanças inesperadas, como alterações de moradia ou acontecimentos marcantes na vida, podem desafiar a procura por estabilidade e iniciar processos de reavaliação da nossa interação com o mundo. A dialética entre o local e o global, o familiar e o estrangeiro, a busca por estabilidade e a necessidade de adaptação a novas circunstâncias se manifesta na relação entre o indivíduo e o lugar, onde a procura por um lar se funde ao anseio de descobrir novos horizontes.

Como evidenciam as trajetórias dos protagonistas de “Vidas Passadas” (2023), a inserção em um contexto cultural específico pode resultar em resistência a alterações e a novos pontos de vista, enquanto a observação de fora pode levar a uma percepção simplificada da complexidade de um lugar.

Em um contexto contemporâneo, trata-se de gerenciar as repercussões psicológicas e emocionais da fragmentação social, em que indivíduos coexistem fisicamente, porém experimentam vivências sociais diferentes. É sobre permanecer receptivo a novos conceitos e pontos de vista, entendendo que a própria cultura e identidade estão sempre em mudança (Buttimer, 1976; 2015).

Essa situação é particularmente evidente na casa natal e nos lugares de origem vivenciados na juventude. A Figura 4 nos transporta para a infância de Nora e Hae Sung, quando a vida era simples e a amizade era o mais importante. Ao olhar para a cena, vemos um tempo em que os sentimentos estavam mais conectados ao lugar, à convivência cotidiana, e à proximidade física e emocional, num contexto onde tudo parecia promissor e imutável. A cena simboliza a ligação emocional e física com o ambiente, onde o convívio diário era caracterizado por uma geograficidade permeada pela persistência e a continuidade.

FIGURA 4 – VIVÊNCIAS DA INFÂNCIA DOS PROTAGONISTAS NA COREIA DO SUL



Fonte: Vidas Passadas (2023), 05min43seg.

A imagem, com as cores de outono e símbolos visuais, como a escultura ao fundo e o ambiente tranquilo do parque, indica uma ligação entre o momento atual e o passado, assim como um prenúncio para a separação futura. Neste contexto, a figura articula o

futuro embate das dimensões do pertencimento e do deslocamento, entre a ancoragem em um passado cultural específico e a necessidade de adaptação às transformações inevitáveis das identidades e das paisagens.

A ruptura que se estabelece entre Nora e Hae Sung, do distanciamento dos dias em que estiveram lado a lado na simplicidade do lúdico pueril, implica em uma distância que está para além da dimensão física, pois é também uma desconexão emocional e sensorial. A separação geográfica, aliada a distintas vivências, estabeleceu uma espécie de fosso emocional entre eles. A evolução dos sonhos, aspirações e valores de Nora e Hae Sung ocorreu de formas diferentes, o que ocasiona no desencontro dos sonhos e lugares de suas vidas passadas com aqueles que constituem ao estabelecerem suas vidas adultas.

O distanciamento geográfico e temporal da Coreia, aliado à necessidade de se ajustar a um novo contexto, fez com que ela rejeitasse certos elementos da cultura coreana, incluindo a apreciação em *In-Yun*, conceito que dá nome ao filme. *In-Yun*, como apresentado durante o filme, é um termo relacionado aos conceitos de destino ou providência e reencarnação. Nesse sentido, acredita-se que cada interação humana, cada contato, traz consigo um traço de encontros de vidas anteriores. Nora explica que: “Se duas pessoas se casam, dizem que é porque houve 8 mil camadas de *In-yun*, mais de 8 mil vidas”.

Para além do sentido espiritual, ao deixar para trás um lugar, um relacionamento ou uma fase da vida, também deixamos para trás uma parte de nós mesmos. Por esse lado, há uma troca de significância evidenciada por suas conversas com Arthur: “É só uma coisa que os coreanos falam para seduzir alguém” e “Ele é tão coreano. Ele ainda mora com os pais, o que é tipicamente coreano, e tem opiniões tipicamente coreanas sobre tudo.”

Por outro lado, a cultura e a tradição coreana têm um impacto considerável sobre Hae Sung: “E se esta também for uma vida passada, e já somos uma outra coisa na nossa próxima vida? Quem você acha que somos?”. Talvez ele não leve por um sentido literal, mas essa ideia persiste em sua mente e perturba sua alma. O filme mostra com delicadeza como os lugares podem se transformar em espacialidades de lembranças e sentimentos. Essa situação é particularmente evidente no caso de Nora, que mantém a saudade da Coreia do Sul mesmo depois de anos morando em Nova York. Cada lugar conhecido reacende memórias passadas e a leva a questionar suas decisões e identidade.

A Coreia do Sul, que a acompanha mesmo em Nova York, se torna nostálgica com a presença de Hae Sung. Como a trajetória de Nora demonstra, os lugares que

ocupamos se tornam uma extensão de nós mesmos, um único lugar pode nos oferecer momentos de grande felicidade e momentos de intensa tristeza. Esta complexidade espelha a ambiguidade inerente à experiência da mobilidade humana, como é evidenciado nas dinâmicas de mobilidade de ambos protagonistas.

"Vidas Passadas" (2023) emprega símbolos como os pontos de encontro e desencontro para refletir sobre a trajetória emocional e a procura por identidade e ligação. A nostalgia e a recordação do passado afetam a procura de Nora por identidade e ligação, expondo o efeito do deslocamento físico e emocional. O amor entre Nora e Hae Sung é um sentimento intenso e complexo, que nunca encontrou a oportunidade de se manifestar plenamente. Ele permanece aprisionado no passado, impedido de florescer no presente.

O lugar, assim como extensão de suas ambições, também se torna extensões das (im)permanências, absorvendo nossas experiências, sonhos e medos. Eles se encontram face a face, preenchendo as lacunas do seu passado em comum, na esperança de alguma maneira compensar o tempo que se perdeu.

4. “Coreanos não ganham o prêmio Nobel de literatura”: Corpos-lugares entrelaçados em “Vidas Passadas”

O caráter relacional da obra entre a memória e os lugares se desdobra nos versos visuais apresentados a partir dos personagens de “Vidas Passadas”, este capítulo propõe investigar como as vivências se fixam no corpo. A ideia de lugar se torna mais evidente ao considerar o conceito como uma construção social e cultural.

O lugar, assim sendo, revela e intensifica a jornada interior como uma gravação contínua das interações do indivíduo com o mundo. Essa singularidade é inseparável às nossas vivências anteriores e projeções futuras. Neste capítulo examinaremos a relevância dos corpos-lugares na formação da identidade e na vivência de alteridade, explorando as complexidades da interação entre o indivíduo, tempo, memória e lugar como se apresentam nas dinâmicas entre os personagens da obra.

4.1. Trajetórias entre(laçadas) de vidas, memórias e lugares

As trajetórias apresentadas através dos personagens Nora e Hae Sung comungam da interface entre o ambiente e a pessoa, reunindo assim fragmentos da vida, cada personagem demonstra a inseparabilidade da memória e possibilita ligar o presente ao passado, atribuindo sentido às nossas experiências. Por outro lado, a intuição possibilita acessar informações e percepções que ultrapassam a lógica, afetando nossas escolhas e percepções (Tuan, 1983).

A complexa experiência humana se forma na temporalidade na medida que entendemos quem somos e quais lugares ocupamos. A narrativa de "Vidas Passadas" ilustra como os locais podem estar ligados tanto a origens quanto a transformações relevantes.

A cidade de origem surge como o ponto inicial da vida, o solo fértil onde a identidade se desenvolve e se une às raízes do sentimento de pertença. É o lugar onde nascem as lembranças iniciais, as primeiras paisagens que moldam a visão e as vozes que dão o tom do nosso ser. Simultaneamente, a nova cidade em que um dos personagens vive representa um novo início. Ela abre-se como um quadro em branco, um campo de recomeço que traça um futuro ainda por ser criado.

Os personagens encontram aconchego e identidade em lugares que possuem um significado pessoal onde formaram laços profundos com outros indivíduos. O lugar estabelece as conexões entre o sujeito do saber e o mundo experimentado. Porquanto “O ser se constitui, portanto, por essa circunstancialidade composta pelos entes (as coisas do

mundo) e os seres, os quais se dispõem de determinada maneira relacional” (Marandola Jr, 2014, p. 234), é um dos cerne da vivência no e do mundo.

Os significados do lugar também podem ser atribuídos de acordo com a disponibilidade de oportunidades para realizar atividades que proporcionem uma experiência ou vivência desejada (Vargas, 2018). “Coreanos não ganham o prêmio Nobel de literatura”, fala Nora quando anuncia na escola que irá migrar, antecede seu ímpeto pela liberdade de mover-se pelo espaço. Enquanto um deles queria se tornar uma grande escritora, o outro buscava se estabelecer na Coreia.

Os dois se separam, de um lado Nora participa de uma residência artística perto de Nova York, enquanto Hae Sung permanece no serviço militar obrigatório na Coreia. As diferentes concepções entre os caminhos trilhados revelam que:

Uma experiência breve mas intensa é capaz de anular o passado, de modo que estamos dispostos a abandonar o lar pela terra prometida [...] Viver muitos anos em um lugar pode deixar na memória poucas marcas que podemos ou desejaríamos lembrar; por outro lado, uma experiência intensa de curta duração pode modificar nossas vidas. Este é um fato que se deve ter em mente; outro fato é o que se segue. (Tuan, 1983, p. 204).

Assim sendo, Nora está essencialmente em busca de uma nova forma de ser, um novo modo de perceber o mundo como uma forma de renovação pessoal. Para ela, a vivência com o presente não se mostra tão finita quanto se tornou para Hae Sung na vida adulta, ela é tão intensa quanto relevante.

Para Hae Sung os laços com o lugar significam manter os sentidos da memória e da expectativa daquela Coreia que um dia compartilhou com Nora, permitindo filtrar e distanciar suas vivências do momento presente. Na sua visão futura, cada despedida se transforma na esperança de um reencontro.

As sensações corporais de Hae Sung são profundamente conectadas às suas memórias. Hae Sung é um personagem profundamente nostálgico. Sua nostalgia não é apenas uma saudade, mas um apego quase visceral a um tempo em que tudo parecia mais nítido e simples. Ele vive no passado e tem dificuldade em se conectar com o presente, algo que aparece na sua postura corporal durante todo o filme, externalizando suas incertezas e receios do futuro, como evidente na Figura 5.

FIGURA 5 – HAE SUNG BUSCA SATISFAÇÃO SOBRE O PASSADO, FICANDO APENAS COM DESOLAMENTO



Fonte: Vidas Passadas (2023), 65min09seg.

A busca por satisfação no passado é uma forma de escapar da dor da perda. Esta procura é permeada por uma idealização do que já aconteceu, como se o passado pudesse proporcionar as respostas ou a satisfação que o presente não atende. Os seus planos de reencontro não se limitam a reencontrar Nora, mas também a redescobrir a si mesmo, aquele "eu" formado pelos sentimentos e vivências que ficaram ancorados nas suas vidas passadas.

Como aponta Dias (2022, p.145), “Para a lembrança vivida, não importa o tempo cronológico que a separa do primeiro momento. Ela se presentifica.”. Apesar dos anos terem se passado e novas vidas terem sido formadas, o que foi experimentado naquela época persiste, não como uma mera lembrança distante, mas como uma vivência intensa que influencia as escolhas e afetos do presente. Ela permanece como parte do seu corpo-lugar, que é marcado pela trajetória da vida passada com Nora que foi interdita.

Hae Sung traz em seu olhar a melancolia de quem procura o que já não existe (Figura 5), como se pudesse encontrar no passado uma solução para a angústia atual. Nesse lugar, ele reforça o peso entre o desejo de reviver o que foi perdido e a necessidade de aceitar as novas configurações de sua realidade. Ao se deslocar para Nova York, ele espera encontrar uma espécie de fechamento, uma resolução para os sentimentos que o prendem com o incomodo de sua própria presença, um enfrentamento com o lugar que o condena a reviver a nostalgia da vida passada que lhe foi interrompida.

Hae Sung usa os lugares como pontos de ancoragem para sua memória, relembando momentos vividos com Nora e estabelecendo uma ligação entre o passado e

o presente. Dado que “O tempo é vivido como memória, e por isso memória e identidade adensam o lugar. A memória é a experiência vivida que o significa, definindo-a enquanto tal.” (Marandola Jr, 2014, p. 229), as recordações dos personagens podem não ser um retrato exato do passado, mas uma reinterpretação moldada por seus anseios e sentimentos atuais.

Hae Sung utiliza a língua e os hábitos coreanos como instrumentos cruciais para manter sua ligação com seu país de origem e consolidar sua identidade cultural. Nora, mesmo apenas presente na Coreia em sua infância, reconhece a relevância de suas origens, mas compreende que sua existência já não se encaixa mais naquele local. Desse modo, os dois lugares se encontram como passado e presente, mas sem que sua confluência seja plena.

Nora se questiona sobre a verdadeira essência de ser coreana. Ela se aprofunda em novas vivências, explora a cultura canadense e cria vínculos com pessoas de várias proveniências, reinterpretando suas antigas ligações com aquele lugar de onde foi deslocada.

Cabe ressaltar, como o filme situa, que a memória vai além de uma simples recordação, ela reafirma a identidade e seu papel no mundo. A busca por um sentido de continuidade em nossas vidas é um dos principais motivos que nos levam a olhar para o passado. Em conformidade com Tuan (1983, p. 206):

O que pode significar o passado para nós? As pessoas olham para trás por várias razões, mas uma é comum a todos: a necessidade de adquirir um sentido do eu e da identidade. Eu sou mais do que aquilo definido pelo presente fugaz. Eu sou mais do que alguém que neste momento luta para expressar o pensamento em palavras [...] somos aquilo que temos. Temos amigos, parentes e ancestrais; temos habilidades e conhecimento, e temos feito boas ações. Porém talvez-- estes haveres não sejam nem visíveis nem facilmente acessíveis. Os amigos vivem longe ou morreram. As habilidades e o conhecimento, por não terem sido usados, podem estar enferrujados. Quanto às boas ações, são fantasmas que podem se materializar somente quando se apresentam ocasiões que justificam que falemos delas aos outros.

Sob esse olhar, a memória autobiográfica é uma das bases na qual edificamos nossa identidade lugarizada. Ao recordar experiências passadas, particularmente as ligadas a lugares emblemáticos da infância, intensificamos nossa sensação de continuidade e pertença no mundo. Lembranças saudosistas podem auxiliar na superação da falta de centralidades espaciais e mudanças bruscas.

A adaptação e realocação a novos lugares potencialmente auxilia na união e resiliência de partes desintegradas entre o presente e passado (Lewicka, 2013). Como

centro de nosso próprio universo experiencial, não temos nossa egocentricidade no vazio, afinal:

Each person is seen to have a "natural place" which is considered to be the "zero point of his personal reference system." This natural place is set within a "membered spatial surrounding," a series of places which fuse to form meaningful regions, each with its appropriate structure and orientation to other regions. Each person is surrounded by concentric "layers" of lived space, from room to home, neighborhood, city, region, and nation. In addition, there may be "privileged places," qualitatively different from all others, such as a "man's birthplace, or the scenes of his first love, or certain places in the first foreign city he visited in Youth. (Buttimer, 1976, p. 284)

A sensação de incerteza em relação à nossa identidade, a obsessão pelo passado ou a ansiedade pelo futuro relativo à nossa posição no mundo podem inibir a instância do "eu" como um processo ininterrupto de (re)construção convertendo-o em uma entidade rígida e tenaz. Por isso, para Nora, as lembranças de Seul oferecem um contraponto ao presente efêmero, ajudando-a a construir uma história de vida que conecta sua passagem da Coreia para os Estados Unidos. Para Hae Sung, o passado oferece uma sensação de pertencimento em um mundo que parece incompleto sem a presença de Nora.

A nostalgia instiga a lembrar momentos e locais que despertam a saudade e um sentimento de conforto. A nossa procura por identidade e pertença reside nesta condução entre lembranças e saudade, assim, “Podemos tentar reconstruir nosso passado com breves visitas ao nosso velho bairro e ao local de nascimento de nossos pais. Podemos, também, recordar nossa história pessoal através do contato com pessoas que nos conheceram quando éramos moços.” (Tuan, 1983, p. 207).

Hae Sung em seus abruptos contatos com o passado constituem a diligência e um abrigo das mágoas da vida adulta e sedimentam a linearidade da fase adulta que assim se torna um aborrecimento. Desse modo, tenta resgatar em Nora um lugar nostálgico referente a uma Coreia lúdica, onde o tempo e o espaço pareciam se estender e imergir totalmente no ambiente. Tuan (1983, p. 208) explica que:

Em geral, podemos dizer que, sempre que uma pessoa (jovem ou velho) sente que o mundo está mudando muito rapidamente, sua resposta característica é evocar um passado idealizado e estável. Por outro lado, quando uma pessoa sente que ela mesma está dirigindo as mudanças e controlando os assuntos importantes para ela, então a saudade não tem lugar em sua vida: a ação, em vez de lembranças do passado, apoiará seu sentido de identidade.

A procura por um passado ideal contrapõe-se à noção da vida adulta marcada pelas despedidas. A Coreia do tempo passado simboliza um período onde as oportunidades eram sem fim. Hae Sung e Nora não necessariamente negam o presente, mas a figura de

ambos se torna um meio de dar significado ao momento atual, ligando as vivências recentes às suas origens e raízes.

O passado é representado por signos, índices e sinais que, para serem compreendidos no presente, necessitam constantemente de um meio de comunicação e interação com outros humanos que auxiliem na sua interpretação. De acordo com Trigg (2012, p. 9):

Being attached to a place means allowing memories to be held by that place. In turn, being held by a place means being able to return to that place through its role as a reserve of memories. Not only do places hold memories in a material sense –as the archive of our experiences- but those same places crystallize the experiences that occurred there. Being in place is not temporally static. Rather, our memories pursue us as we pursue place, both forming an ambiguous zone somewhere in between.

Esta dimensão simbólica e afetiva da nossa relação com o espaço assim se desdobra nessa “liminaridade”, onde a memória se converte em narrativa e a narrativa se materializa no espaço, existe uma contínua mistura entre o passado, o presente e o futuro. As existências dos protagonistas da obra se dissolvem e se confundem com os lugares.

4.2. *Estranhamentos e (des)conexões de lugares recordados*

Os espaços são mais que contextos para a ação como *res extensa*, eles são lugares que agem sobre e com os personagens, moldando e sendo moldados por suas histórias e emoções. Assim, a narrativa espacial do filme reflete as intersubjetividades dos protagonistas, dissolvendo a distinção entre o “ser” e o “estar” nos lugares. A ideia de que o espaço só adquire significado a partir de seu uso e preenchimento dialoga com as dinâmicas vividas por Nora e Hae Sung, cujos corpos e experiências vivem os lugares que habitam e percorrem ao longo da narrativa.

Nessa conjuntura, o lugar surge da justaposição dos corpos (Marandola Jr, 2020; Chaveiro, 2014), funcionando como uma extensão das experiências e da própria corporalidade dos personagens. Em cada interação, em cada movimento, os corpos de Nora e Hae Sung se transformam na matéria-prima que origina os espaços. Essa constatação pode ser aplicada à forma como os encontros e desencontros dos protagonistas tornam determinados espaços significativos.

A Coreia do Sul, nesse caso, não é apenas um lugar geográfico, mas uma condição de "ser-lugar", uma extensão das vivências dos protagonistas que os acompanha mesmo em sua ausência. Trata-se de uma emergência que se dá no ato, um "acontecer" que se

materializa nas suas interações com os espaços, nos olhares, nos silêncios e nas conexões sensoriais que mesclam o tempo e a distância geográfica.

Seja Coreia, Canadá ou Estados Unidos, determinar o início e o término de um lugar não é simplesmente identificar o arranjo espacial, mas considerar a ambiguidade porosa entre a familiaridade e estranhamento que os personagens defrontam. Ele é um “acontecer” que entrelaça os corpos dos protagonistas, seus projetos de vidas futuras e suas nostalgias de vidas passadas.

Essa sensação de “estranhamento” conforma um sentimento singular de desdém que surge quando algo que deveria ser conhecido se mostra demasiadamente inquietante e surge de maneira inesperada. Hae Sung e Nora corporificam esse sentimento de (des)conexão nas idas e vindas de seus relacionamentos e lugares que remontam à vida conjunta que foram interditas na juventude. Essa situação evidencia que:

Once lived, the past does not temporally expire, even though the event itself may have ceased to exist. Instead, it stretches out into the present, resonating in such a way that personal identity and collective identity become reinforced. This gesture of reinforcement does not mean that memory is solely the province of mental content, however. Memory is not simply confined to our heads, as it were. While it is true that without our brains, recognition of the past would crumble, it is nonetheless the interaction between persons and world that provides the genesis for remembering. Things in the world activate our brains, directing us in different paths accordingly. (Trigg, 2012, p. 47)

O longa-metragem emprega personagens que viveram experiências que constatarem o familiar incerto. Como as linhas que separam o passado do presente se tornam fluidas, esta distorção da memória gera um sentimento de estranheza. As recordações ligadas ao lar podem ser ao mesmo tempo reconfortantes e perturbadoras, podem despertar memórias hesitantes, o conhecido se transforma em desconhecido. O que passou, “já passou”, e o que está por vir ainda é incerto.

A reaparição de Hae Sung na vida de Nora aflora as sobreposições do passado e presente e desestabiliza a convicção de Nora, essa sensação de estranheza vivida pelos personagens é sentida pelo espectador. Retirar um lugar do seu ambiente familiar pode resultar em uma maior percepção de suas características singulares.

Este deslocamento, seja ele físico ou mental, é paradoxalmente capaz de perturbar nossa percepção do que é habitual. Essas memórias corporificadas e deslocadas têm a capacidade de transformar ambientes familiares em desconhecidos, silenciosamente o ordinário revela uma camada e o excêntrico se manifesta. Quando tocamos o que nos é familiar, o sentimento de pertença se funde com o agridoce que é o desconhecido. Desse modo, o que ocorre é que:

All of this, of course, points ahead toward the potential for place memories to easily slide into the region of the uncanny. Precisely through being entwined with a surrounding world of familiarity, the event of place, as becoming visible from that world, conceives a tension with the familiar. The tension is a composite between different worlds springing from the same source. Thus, the “world” of place memory, unique to the core, develops from the pregiven world, which is no less heterogeneous in its structure. That both “worlds” occupy the same space highlights the potential for each to recede and intensify in familiarity and unfamiliarity. (Trigg, 2012, p. 61)

Ao reviver o passado compartilhado com seu amigo, Nora é levada a questionar sua identidade e as essências de suas relações. Ao vivenciar o inexprimível da nostalgia, somos instigados a explorar as profundezas do nosso pensamento e confrontar nossas incertezas sobre o que já passou e jamais voltará a ser.

Os dois possuem lembranças de um mesmo lugar emocional, porém agora residem em lugaridades efetivamente diferentes: o passado comum, de onde suas ligações se originam, e o presente, onde suas realidades e identidades se desenvolveram de forma independente. Esta dualidade entre geograficidades provoca um sentimento de deslocamento, a presença do passado no presente é simultaneamente reconfortante e perturbadora ao entrecruzar seus corpos por meio das memórias.

A nostalgia que Nora e Hae Sung nutrem um pelo outro impulsiona a história, seus anseios os levam a revisitar locais que guardam lembranças marcantes. Hae Sung, para Nora, é o lugar simbólico de sua infância, da simplicidade e dos laços que a conectavam à Coreia. Ele é, em certo sentido, a ressonância de suas origens, um prolongamento sensível de tudo o que ficou para trás, mas que persiste em pulsar em suas emoções e em seu corpo. Da mesma forma, Nora é, para Hae Sung, o lugar emocional onde suas aspirações de futuro e seus sentimentos mais profundos foram construídos, uma personificação do lar e de uma conexão que, apesar da distância, persiste como uma espécie de território afetivo.

Esse lugar interno e afetivo é uma espécie de móveis delicados, movido por sopros de memórias e sentimentos, que impulsionam um e o outro a um lugar que já não existe mais como extensividade. O que os atrai não é uma possibilidade de retorno literal, mas a intensividade da nostalgia do lugar no corpo vivido um do outro. Face a essa condição, o corpo do outro se transforma em um "corpo-lugar".

É importante destacar que o "corpo-lugar" do outro não é apenas um espaço de presenças, mas também de ausências. Nora e Hae Sung não são mais as mesmas pessoas que eram na infância e o lugar que representam um para o outro é, em parte, marcado pelo que falta, pelo que mudou com o tempo e pela distância. Essa ausência é o que torna

a nostalgia tão potente. Eles são forças avassaladoras um para o outro, não porque possam retornar ao lugar que compartilharam, mas porque esse lugar continua a existir como uma parte indissociável de quem eles são – marcam seus corpos e suas condições de seres-no-mundo.

Essa situação demonstra como a nostalgia é uma vivência antagônica complexa que inclui sentimentos de saudade, perda e alegria. Trigg (2012, p. 174) postula que:

One of the peculiar temporal features of nostalgia we can immediately observe is the ambivalent role the past plays in contributing to the personal identity in the present. Characteristic of the structure of nostalgia is the pronounced fixation, qualitatively positive or negative, of an image that binds the self to a place and time. In material terms, what this means is that because place gains vibrancy through being temporal, nostalgia flourishes as the place either withdraws into the spatiotemporal distance or is otherwise altered in the present.

Quando um lugar se transforma ou o tempo avança, a estrutura da nostalgia surge como um meio de manter a lembrança de como ele era antes. No filme, os personagens geralmente idealizam o passado, ignorando as partes negativas e focando nas vivências positivas. A ligação emocional entre os personagens é fundamentada nesse passado comum, que simultaneamente e irreversivelmente é alterado pelo presente.

Para Nora, o fato de Seul se transformar em um lugar do passado, agora afastado geograficamente e temporalmente, intensifica o sentimento saudosista, ao passo que para Hae Sung, que permaneceu na cidade, o mesmo lugar ganhou um novo sentido devido à ausência de sua contraparte romântica da juventude.

Para Nora, Hae Sung simboliza um "eu" do passado, uma vida que ela deixou para trás, mas que ainda vive em sua lembrança. Para Hae Sung, Nora representa tanto a menina de sua infância quanto uma figura anônima e distante, cujas decisões de vida e contexto cultural ele só consegue supor. O amor que Hae Sung nutre por Nora é fortemente influenciado pela sua lembrança dela como uma jovem de Seul; é uma relação com um corpo-lugar intensivamente ressignificado pela sua trajetória de vida.

Por outro lado, Nora, ciente da distância emocional e cultural entre eles, oscila entre reconhecer esse anseio e aceitar sua inadequação à realidade atual decorrente da condição de migrante. Esta tensão é refletida visualmente em cenas onde os personagens estão em ambientes próximos, mas aparentam estar emocionalmente afastados, como quando estão no bar (Figura 6).

FIGURA 6 – OS TRÊS PERSONAGENS BUSCAM ENTENDER OS LAÇOS QUE OS UNEM E OS SEPARAM



Fonte: Vidas Passadas (2023), 01min42seg.

Essa tensão é simbolizada pela escolha do ambiente retratado no plano geral e pela maneira como a câmera se posiciona, capturando o espaço entre os dois como um reflexo de sua desconexão emocional, onde as narrativas e os desejos se encontram brevemente, mas sem pertencer completamente a nenhum deles.

O bar, portanto, não é apenas um espaço de socialização, mas um palco onde a distância emocional entre seus corpos-lugares se manifesta, mesmo quando os personagens estão fisicamente presentes um para o outro. Embora os dois estejam fisicamente próximos, muitas vezes as câmeras capturam uma ligeira separação entre eles, como se um espaço intangível fosse essa lacuna invisível que persiste entre os corpos sugerindo que a distância real não é medida pelo palpável, que existe entre os corpos. A iluminação, suave e cálida, lança sombras sobre os rostos dos personagens, refletindo a complexidade e os conflitos internos que ambos enfrentam.

No fotograma, vemos os três personagens, Hae Sung, Nora e Arthur, sentados ao redor do bar. O fato de Nora estar fisicamente entre Hae Sung e o marido sugere a tensão em sua posição intermediária, suspensa entre lugares ligados a duas temporalidades, sendo puxada em duas direções: para o passado, representado pela Coreia de Hae Sung, e para o presente estadunidense, representado por seu marido.

A postura de Nora sempre atenta a ambos, encapsula a dualidade de sua posição, ao mesmo tempo atenta aos dois revela a dificuldade de se conectar plenamente com ambos corpos e lugares. As camadas temporais se sobrepõem: o passado, com sua

promessa inacabada, o presente, com o reencontro inesperado, e o futuro já marcado pela inexorável despedida que se aproxima.

A "saudade" surge como uma emoção fundamental, já que não se limita a lamentar o que se perdeu, daquilo que era próprio da infância em Seul ou os sonhos interrompidos, mas também a atribuir um novo sentido e renovado a esse passado no presente, frequentemente em um esforço de preservação ou reinvenção.

Este fenômeno de reviver o passado no presente como algo ao mesmo tempo presente e ausente é evidente nas cenas onde Nora e Hae Sung ponderam sobre suas vidas e decisões, frequentemente confrontados com a inviabilidade de voltar ao local de origem. Ambos personagens veem um ao outro como símbolo desse passado, mas nunca conseguem retornar de fato – um é o corpo-lugar para o período pretérito nostálgico idealizado no outro. Isso demonstra como:

By contrast, the second trajectory plots a more compressed temporality. Instead of retreating into the darkness of the past world, the same object undergoes terminal change in the present, becoming fundamentally alien to the subject attached and bound with that environment. In sight of this alteration, a renewed value is conferred upon a given object. Only now, the tone is less of lamentation and more of preserving what remains of the past, with such an effect to conceal the erosion of time and space. This inclusion of hope pushes this second mode of nostalgia more toward what the Portuguese would term "saudade," a modified version of nostalgia, in which the lamentation of loss is displaced with a projected reclamation in the future. [...] Entwined with the past, that same past is reexperienced in the present as one of presence and absence simultaneously. (Trigg, 2012, p. 175)

Neste cenário, a saudade surge como uma maneira de enfrentar essa perda, de buscar conforto em um passado que jamais voltará a ser o mesmo. O longa-metragem resume a contradição entre o tempo subjetivo e o tempo objetivo.

Para Nora, o relacionamento com Hae Sung representa um retorno emocional ao passado, mas também um embate com o que ficou para trás. Para Hae Sung, o reencontro acentua a dualidade de familiaridade e perda: ele percebe que a posição de Nora em sua memória é distinta da posição que ela ocupa na sua vida presente.

Ao viajar para Nova York, Hae Sung não só se depara com Nora, mas também confronta a distância entre a lembrança dela, profundamente arraigada no passado, e a pessoa que ela se tornou. Assim, Nova York se transforma em um "lugar recordado" de maneira simbólica, já que o reencontro está permeado pela tentativa de recuperar algo perdido em um ambiente totalmente desconhecido para Hae Sung.

5. “E se você não tivesse saído de Seoul? Se você não tivesse partido, e tivéssemos crescido juntos, eu teria procurado você?”: Geografias dos (des)encontros nas/das “Vidas Passadas”

Se os lugares são espaços que se ligam, orientam e (co)movem, então, as vivências de vinculação podem ser interpretadas como integrantes desses signos. Essas vivências deixam impressões em nossa mente e corpo, afetando nossos padrões de pensamento, sentimentos e atitudes.

O vínculo é uma vivência pessoal, moldada pela nossa trajetória de vida, princípios e convicções. É importante considerar que “O que sentimos por alguém incide no modo como criamos vínculos com os lugares. [...] Apesar de associar o lugar à mediação do que sentimos por alguém, isso não é fixo e pode compor uma parte do processo de vinculação.” (Dias, 2022, p. 149).

A fala de Nora sobre seu antigo amigo: “Eu só sentia muita falta dele; sentia falta de Seoul.” ilustra que a ausência de alguém pode se tornar mais intensa quando ligada a um local específico. O lugar implica em alguém, nessa ocasião: “Se quem faz os lugares são as pessoas, elas os fazem na relação com outras pessoas. Existe um laço entre lugar e pessoas significativo. Existe um laço com alguém que é vivido na dobra topológica do lugar.” (Dias, 2022, p. 191). O lugar, enquanto espaço vivido, é imprevisível, há uma vivência íntima que lhe confere sentido. O lugar só é lugar porque nele pulsa uma vivência em que ali repousa a essência do vivido, ao nos conectarmos com um lugar, inevitavelmente nos conectamos com aqueles que o habitam ou que o habitaram. Isso ocorre porque os lugares estão impregnados de histórias, sejam elas pessoais ou partilhadas.

5.1. Lugar de origem, memória e as “faltas” das vidas passadas

Os lugares ganham um profundo significado pessoal quando estão ligados a fases vitais da vida, como a infância ou a adolescência. Essa ligação emocional se intensifica quando o lugar está associado a vínculos familiares, a mudanças significativas ou quando oferece sentimentos de segurança e pertença (Vargas, 2018).

A afetividade estabelece a conexão entre a vivência corporal e a lembrança. Emoções positivas, como felicidade e segurança, intensificam as conexões com certas pessoas e locais, gerando uma sensação de pertença,

Assim, a emoção se nutre de um objeto e tem consciência desse objeto. [...] podemos pensar o objeto enquanto espaço/lugar, em que a pessoa, ao estar diante de determinados lugares, estes lhe despertam diferentes emoções. Nossa

relação com o mundo se dá a partir do corpo, em que corpo e consciência são coextensivos. (Soares da Silva, 2017, p. 101).

O corpo e a memória de ambos são marcados pelas experiências vividas na Coreia, as cenas do cotidiano escolar (figura 7) traduzem a essência das primeiras paixões, dos laços iniciais de amizade e das descobertas de autonomia, impressões sensoriais e emocionais que escapam à simples memória e ganham vida no tecido do tempo. Essas impressões sensoriais e emocionais que transcendem a lembrança em si. O comportamento é expresso nos gestos e na maneira como ambos pertencem com e na Coreia e um com o outro.

FIGURA 7 – A ESCOLA SE TORNA UMA TESTEMUNHA DA INFÂNCIA QUE PRENUNCIA UM FUTURO IMPREVISÍVEL



Fonte: Vidas Passadas (2023), 04min45seg.

Ao estarem lado a lado, partilhando memórias naquele ambiente escolar, entre sorrisos cúmplices, brincadeiras inocentes e olhares furtivos, é mais do que uma experiência efêmera. O espaço físico se transforma em espaço afetivo e emocional, um lugar que eles carregam silenciosamente consigo ao longo da vida.

Ali, naquela sala iluminada e cheia de vozes infantis, revela-se uma conexão genuína entre os personagens: o sorriso de Hae Sung ao interagir com Nora e a espontaneidade das crianças ao redor são registros vivos de pertencimento. Esse pertencimento não se encerra na materialidade do lugar, posto que se inscreve nos corpos, que atuam como dispositivos multissensoriais.

O corpo, como afirma a ideia de coextensividade entre corpo e consciência (Soares da Silva, 2017), torna-se um arquivo sensorial, um repositório de emoções e

experiências ligadas a esse lugar específico. Mesmo distantes da sala de aula em termos espaciais e temporais, o vínculo afetivo com o lugar permanece. Naquele instante efêmero, o lugar se transforma em um ponto de encontro onde o que foi experimentado pulsa e persiste, onde a conexão entre ambos permanece ao ser corporificado.

Nesse entroncamento Vargas (2018, p. 333) aponta que:

A primeira dimensão leva em conta o sujeito do apego, isto é, a pessoa que se apega. Até que ponto o apego se baseia em sentidos individuais e compartilhados. A segunda dimensão, a dos processos, salienta as características psicológicas do apego em seus aspectos afetivo, cognitivo e comportamental. Considera como o afeto, a cognição e o comportamento se manifestam no apego. E por último, se considera o objeto do apego, aquilo ao qual se está apegado, o lugar, que pondera as características espaciais nos seus elementos tanto físicos quanto sociais.

O vínculo com um lugar não é somente uma ligação emocional, mas também um processo cognitivo. Até que ponto conscientemente Hae Sung e Nora escolheram os lugares em que estão, até onde esse senso de estar na Coreia do Sul ou nos Estados Unidos está movido pelo sentido de promover e impulsiona-los no sentido de realização pessoal. Até em qual aspecto sobre o lugar que estão se baseiam em suas escolhas individuais práticas, daquilo que foi planejado e racionalizado ou de suas significações compartilhadas daquilo que é lembrado ou imaginado?

Esse percurso revela seus alinhamentos com as dimensões do que é do outro, ou seja, das expectativas não ditas, elas se conectam e envolvem as ponderações sobre pertencimento, identidade e distância nos vazios que se instauraram um com o outro. A afetividade aparece nos sentimentos de saudade e desejo de reconexão, enquanto a cognição surge na reflexão sobre o que poderia ter sido.

Nesse sentido, o saber como algo consciente não é o centro, mas a consideração de que nossas experiências vividas com outras pessoas e nos lugares provocam marcas, que podem ou não ser lembradas, e elas estão diretamente ligadas ao modo como vivemos e nos afetamos no mundo, como o sentimos e como eles nos deixa suas impressões. (Dias, 2022, p. 49).

Ao nos vincularmos a um lugar, estamos estruturando informações e convicções acerca dele, conferindo-lhe um sentido particular. O vínculo de lugar pode estar associado à nossa identidade individual ou à identidade de um grupo ao qual fazemos parte. Esta ligação pode nos dar uma sensação de segurança e pertença. Como afirma Tuan (1983, p. 32):

Se definirmos lugar de maneira ampla como um centro de valor, de alimento e apoio, então a mãe é o primeiro lugar da criança. A mãe pode bem ser o primeiro objeto duradouro e independente no mundo infantil de impressões fugazes. Mais tarde ela é reconhecida pela criança como o seu abrigo essencial

e fonte segura de bem-estar físico e psicológico. [...] À medida que a criança cresce, vai-se apegando a objetos, em lugar de se apegar a pessoas importantes, e finalmente a localidades.

Na infância, Hae Sung e Nora cultivam um vínculo profundo e relevante, fundamentado em sua convivência na Coreia do Sul. A cena do parque representa metaforicamente o ponto de inflexão de suas interações (figura 8). Os dois, isolados, não constituem um todo coeso, semelhante ao contorno de um rosto que só se revela completamente quando todas as suas partes se unem. A conexão entre Hae Sung e Nora pode ser vista como algo que se mantém, mesmo de forma fragmentada, por meio de recordações e sentimentos compartilhados.

FIGURA 8 – A AMIZADE SURGE E SE DESFAZ, EM MEIO AO UMA LINHA QUE DIVIDE, MAS NÃO SEPARA COMPLETAMENTE



Fonte: Vidas Passadas (2023), 06min50seg.

Se: “A casa natal, no sentido de lar, está no centro da terra natal, o lugar de onde somos. É nesse lugar que estão fundadas a memória coletiva, a identidade e os laços compartilhados que nos mantêm ligados ao mundo” (Marandola Jr, p. 242, 2014), essa convivência em um tempo-lugar passado simboliza a fundação lugarizada dos costumes. Na casa natal floresceram os hábitos, os princípios, a alegria inocente e a sinceridade do sentimento de pertença, onde o chão partilhado e as brincadeiras formavam as características de suas personalidades.

Nessa fase, a conexão interpessoal ocupa o papel central. Nora, então ainda com o nome Na Young, encontra em Hae Sung um "centro de valor" que transcende a fugacidade das impressões infantis. Essa relação inicial reflete a ideia de um indivíduo como o primeiro lugar, pois, para Nora e Hae Sung, a infância em Seul representa o

primeiro "abrigo essencial" e o ponto de referência afetiva de suas identidades emergentes (Scannell; Gifford, 2013).

O movimento simboliza o afastamento do primeiro "lugar" seguro, à medida que a criança se desenvolve, o foco de apego desloca-se das pessoas para os objetos e, finalmente, para os lugares (Vargas, 2018). Para Nora, o Canadá torna-se uma nova lugaridade de referência, e sua identidade começa a ser reconstruída nesse novo espaço. Para Hae Sung, no entanto, Seul permanece como um lugar enraizado no passado compartilhado, funcionando como uma âncora emocional que situa seu corpo. Ocorre que:

This transitional movement between a background region and a foreground place mirrors the phenomenological encounter with things removed from their context. Suddenly, what was so far taken-for-granted is discharged from its dormancy and forced to the forefront. As a result, the particularity of place memory—as embodied, situated, and localized—withdraws the immediacy of a location from its familiar world and resituates it as a conspicuous event (Trigg, 2012, p. 59)

A fala de Nora exemplifica esse encontro fenomenológico do entrelugar: “Eu me sinto nada coreana quando estou com ele. Mas, de alguma forma, me sinto mais coreana?” O lugar do seu ambiente familiar pode resultar em uma maior percepção de suas características quando suas recordações de sua terra natal e de sua vida passada são reavivadas. O ambiente familiar, anteriormente visto como seguro, é subitamente arrancado de sua aparente passividade ao se deslocar da memória do lugar para sua presentificação ou transformação em outro projeto de vida futura.

Nora percebe que a Coreia, além do seu lugar origem, possui uma característica que só se torna mais perceptível na sua falta. As ruas, as pessoas, as paisagens e as interações que antes faziam parte do cenário de sua vida, agora se sobressaem como elementos de uma memória viva e lugarizada. Para ela, essa vivência redefine os sentidos dos vínculos de lugar e ressalta como a mudança entre contextos transforma o conhecido em algo surpreendentemente inédito, revelando as sutilezas ocultas do lugar e do próprio “eu”.

Nora, ao revisitar a Coreia de um passado que permaneceu em pausa, encarnado em Hae Sung, se percebe como uma estrangeira em sua própria casa, o que a leva a questionar suas raízes e sua procedência. O que já estava estabelecido como um lugar de pertença indiscutível e estabilidade em sua vida, agora se transformou em um lugar de incertezas, repleto de memórias, mas esvaziado da familiaridade de outrora – ele foi desprovido da projeção de uma expectativa de vida futura.

Nora se encontra em suspensão, sem entender a sua verdadeira posição, entre a menina que viveu na Coreia ou a mulher que vive em Nova York. Nora está confusa sobre sua real posição. A Coreia, que ela deixa simbolicamente como um refúgio de identidade, e a Nova York, que ela conquista como um novo lugar onde seu anseio se manifesta de forma transformadora e projetada rumo ao futuro.

Esse desprendimento força ambos os personagens a reorganizarem suas estratégias de lidar com as necessidades emocionais e a reconstruírem suas redes de segurança. Apesar da distância geográfica e temporal, o desejo por proximidade emocional é evidente em sua decisão de viajar a Nova York. Ele monitora a disponibilidade emocional de Nora, buscando reconectar-se com ela de maneira que traga sentido ao seu passado e ao seu presente.

5.2. *“Você é o tipo de pessoa que vai embora”*: Desejos e corpos-lugares desconstruídos

A identidade de lugar é dos processos de apego que transparece sua relação a duas direções. O ambiente pode provocar tanto a sensação de solidão e perda de identidade, quanto o reforço de pertença e senso de comunidade, os sentimentos de possibilidade ou desconfiança se presentificam e intensificam as conexões com certas pessoas e lugares (Seamon, 2013). Os rumos intempestivos com alguém que é essencial na sua trajetória podem ser definitivos para ponderar a afetividade e o vínculo entre a vivência corporal e a recordação.

Ao longo da narrativa, Nora e Hae Sung vivenciam variadas formas de solidão. Para Nora, a solidão de sua vida migratória é simultaneamente libertadora e dolorosa. Hae Sung, por outro lado, continua em um ambiente familiar que se converte em uma imensidão preenchida pelo presente intangível. Sendo assim, de acordo com Tuan (1983, p. 69):

A solidão é uma condição para adquirir a sensação de imensidade. A sós, nossos pensamentos vagam livremente no espaço. Na presença de outros, os pensamentos recuam devido ao fato de que outras pessoas projetam seus próprios mundos na mesma área. O medo do espaço muitas vezes vai junto com o medo da solidão. A companhia de seres humanos - mesmo de uma única pessoa - produz uma diminuição do espaço e ameaça a liberdade. Por outro lado, à medida que as pessoas penetram no espaço, para cada uma chega um ponto em que a sensação de espaciosidade passa ao seu oposto apinhamento

Ao se mudar para os Estados Unidos, Nora vivencia uma solidão física e cultural enquanto se ajusta a um novo cenário. A sua mobilidade, se apresenta como um diálogo intenso entre o corpo, a memória e o cenário. Afinal, a mobilidade humana é

experimentada pelo corpo, uma combinação de anseios, costumes, ansiedades e restrições.

A ação de sair de um ponto e querer alcançar um outro ponto não é apenas um processo mecânico, mas um evento em que o migrante, tal como Nora, transparece as bases da existência e devem (re)descobrir sua posição no mundo. Conforme Cresswell (2010, p.20),

Human mobility is practised mobility that is enacted and experienced through the body. Sometimes we are tired and moving is painful, sometimes we move with hope and a spring in our step. As we approach immigration at the airport the way our mobility feels depends on who we are and what we can expect when we reach the front of the line.

A mobilidade também é um reordenamento interno que revela a dissonância entre a representação idealizada, muitas vezes associada à liberdade e à escolha, e a prática vivida. Como a trajetória de Nora demonstra, cada ato de mobilidade, seja andar, voar ou simplesmente estar em um novo espaço, carrega consigo a possibilidade de redefinir seu senso de lugar e identidade.

O movimento de Nora anuncia a liberdade, enquanto a paisagem familiar que se esvai no horizonte deixa um rastro de perda. Há, de um lado, a promessa de um futuro repleto de possibilidades, mas, de outro, as histórias que carrega e as incertezas do que encontrará do outro lado instaurado entre as camadas invisíveis da expectativa.

Hae Sung continua em Seul, onde a solidão emocional e o peso das tradições culturais predominam como fatores que pesam nos seus vínculos de lugar. Ao se reencontrarem em Nova York, a vastidão deste ambiente urbano é diminuída pela presença mútua. Isso, contudo, não apaga a distância emocional e as discrepâncias de suas realidades.

Para Nora, o corpo-lugar Hae Sung é como uma partícula do passado, ele traz consigo um sismo invisível expandindo seu mundo emocional ao reativar lembranças e sentimentos que estavam adormecidos; relegados às suas vidas passadas, tanto aquela que de fato ocorreu na infância quanto aquela que poderia ter ocorrido, porém foi interdita. Dessa maneira, essa expansão também provoca uma sensação de perturbação emocional, particularmente quando Arthur passa a integrar o triângulo afetivo.

A presença do marido estadunidense Arthur, que Nora respeita e ama, representa uma ligação que amplia seu universo atual e seu vínculo com o lugar que estabeleceu em sua vida adulta. Contudo, Hae Sung simboliza uma independência emocional ligada ao passado, um território não conhecido.

A colisão desses dois universos, passado e presente, apego e liberdade, enfatiza a complexidade das interações humanas no âmbito emocional e físico. Conforme elucida Trigg (2012) e pode ser evidenciado na obra, o passado em comum e a memória do lugar infundem as lembranças com fantasias, convertendo o que deveria ser familiar em algo inquietante. Como aponta Tuan (1983, p.72),

As pessoas nos restringem, mas também podem ampliar nosso mundo. O coração e a mente se expandem na presença daqueles que admiramos e amamos. [...] Quando as pessoas trabalham juntas por uma causa comum, um homem não tira espaço do outro; pelo contrário ele aumenta o espaço do companheiro, dando-lhe apoio.

No âmbito do lugar da vida adulta, Arthur oferece estabilidade e pertencimento ante à pretérita mobilidade. Sua presença constante mutuamente molda o espaço de Nora de acordo com a projeção de seus próprios desejos e mundos. Na sequência em que Arthur expressa sua insegurança em relação a Hae Sung, sua relação com Nora é inundada por uma corrente inesperada que ameaça o espaço construído entre ambos.

A delicadeza dessa admissão destaca a tensão silenciosa que o permeia: o choque entre o mundo atual e as sombras de uma vida passada em outro país, revelam o papel emocional que essa invasão do passado pode ter no lugar compartilhado do casal. Durante o reaparecimento de Hae Sung, Arthur atua como um observador, ao mesmo tempo que proporciona a Nora um refúgio seguro, um corpo-lugar de estabilidade e identificação que a ancora em sua vida atual. Ainda assim, pesa sobre os movimentos de quem ela foi e de quem ainda poderia ser.

Em “Vidas Passadas” (2023) o desejo atua como um impulso que estabelece ligações entre o "eu" que permaneceu e o "eu" que se foi. Trigg (2012, p. 109) aponta que: “Desire stretches out toward the world, at the same time returning that world to the self. With this motion, place is both gained and lost in time, as our desires collide with the reality of things”. O desejo, ao nos estender para além de nós mesmos, cria uma conexão entre lugares e tempos.

Quando projetamos as esperanças e angústias nos espaços que os cercam, eles não apenas buscam um significado no espaço, mas tentam reescrever o que o tempo diluiu, tentando encontrar uma resposta emocional ao que foi perdido no tempo. Este movimento de dilatação e colisões fazem com que o lugar, enquanto experiência, seja ao mesmo tempo conquistado e perdido com o passar do tempo, elaborando um jogo de proximidades e afastamentos.

Imersos em seus desejos não resolvidos e em suas trajetórias divergentes, Nora e Hae Sung carregam o peso das suas histórias pessoais e do campo de tensões. O desejo estende-se em direção ao mundo, como se traçasse uma ponte invisível entre o que foi conquistado e o que foi perdido no fluxo do tempo, mas, ao fazê-lo, retorna o mundo ao próprio ser, o resignificando. Ele não apenas conecta, mas também mostra as impossibilidades de presentificação plena dos vínculos daquele lugar de suas vidas passadas.

Como nos rememora Tuan (1996) o "lar" é íntimo e familiar, "cosmos" representa o mundo maior além. O "lar", na sua essência mais profunda, proporciona conforto, porém também impõe restrições, funcionando como uma recordação inalterável do que já foi. Por outro lado, o "cosmos" proporciona liberdade, porém requer o desprendimento das raízes que a aprisionam no passado.

Nora aparenta ter um conflito quando tem o desejo de explorar as possibilidades do futuro para além do solo da Coreia (cosmos) uma vez que Hae-Sung simboliza suas raízes e memórias deixadas na Coreia do Sul (lar). As escolhas que fazem em relação aos seus futuros são influenciadas pelo desejo de manter uma conexão com seu passado enquanto navegam pelo presente.

Os personagens enfrentam a dualidade entre suas raízes e suas aspirações, refletindo a dinâmica entre lar e cosmos formadora do sentido de identidade. Nesse processo, cabe reconhecer que:

Para qualquer indivíduo o lar e o horizonte de alcance do pensamento e imaginação podem ser bastante distintos do lar e dos horizontes de alcance de suas filiações sociais, que podem novamente ser distintos da real localização física ou do lar e dos horizontes de alcance físicos. (Buttimer, 2015, p. 8)

Seria o distanciamento emocional causado por ela, pelo lugar, sua vivência na Coreia ou por um evento inescapável no curso da vida? Para Nora, a concepção de lar foi desenvolvida de forma diferente de Hae-Sung, notável a partir do vínculo diferencial que eles apresentam com seus familiares.

A relação de Nora com sua terra natal nas suas vidas passadas reflete a leitura de Gustafson (2013, p. 39) sobre o vínculo ao lugar como uma conexão histórica e passiva:

Dwelling represents historical attachment to a place where one has spent all or most of one's life and has strong social ties. It is a passive attitude to place-place is taken for granted rather than being an active choice. Yet most dwellers appeared to be satisfied with their home places. On the contrary, long-time residents characterized by nostalgia no longer felt at home in their place, as the arrival of newcomers, often with different cultural orientations and different social status (higher or lower), had changed the place.

Esta constante mudança ressalta a fluidez do conceito de lugar na vida contemporânea, particularmente para os imigrantes. Entende-se a migração como um processo contínuo, mas também transitório que frequentemente implica mobilidade e comunicação constante entre os países de origem, tanto passados quanto atuais.

Ao se reconectar com Nora, existe uma notória nostalgia e também uma sensação de isolamento pressentida por Hae Sung. A Nora que ele conhecia já não é mais a mesma e sua identidade foi fortemente formada pela sua mobilidade e pelos locais que posteriormente residiu.

Ele habita um ambiente onde o lar é estável e inalterável, fundamentando sua identidade no ambiente familiar e nos princípios tradicionais da Coreia. Em parte, sua conexão com Nora é uma extensão desse lar e os vínculos de lugar a ele correlatos. Ao longo da vida, Nora reformula sua concepção de lar em correlação com os lugares que marcam a sua trajetória.

A mudança para os Estados Unidos modifica sua noção de pertença, mudando o foco de sua identidade de um local concreto para uma narrativa mais fluida e cosmopolita. No entanto, sua ligação com o corpo-lugar Hae Sung representa uma ligação emocional com sua terra natal, mesmo que essa conexão seja emocional e não necessariamente territorial, uma espécie de vínculo que a aprisiona à sua vida passada.

Por sua vez, a busca de Hae Sung pelo corpo-lugar Nora, culminando em sua viagem a Nova York, pode ser interpretada como uma tentativa de reativar o "refúgio seguro" que a conexão emocional e espacial compartilhada com Nora e Seul proporcionavam. Nova York, no entanto, se apresenta como um lugar desafiador para Hae Sung, pois não oferece o mesmo conforto emocional que Seul.

Ao contrário, para Nora, Nova York tornou-se um novo refúgio seguro, um lugar onde ela reconstruiu sua identidade e estabeleceu sua vida adulta (Scanell e Gillford, 2013). A vivência de deslocamento e nas decisões que cada personagem tomou em relação à sua ligação com o passado e a relação iniciada que lhes foi interdita. Ao se mudar para Nova York, Nora teve que estabelecer um sentimento de pertença em um ambiente totalmente desconhecido. Nora utiliza o novo ambiente para se desvencilhar das expectativas culturais que moldaram sua infância.

Ao se mudar para Nova York, Nora encontrou uma cidade que, com seu anonimato e diversidade, permitiu-lhe escapar das tradições e dos papéis familiares estabelecidos. A cidade, com sua variedade, dinamismo e anonimato, proporcionou-lhe

uma oportunidade de redescobrir quem ela realmente é, libertando-se das restrições estabelecidas no lar em seu país de origem.

Para Nora, Nova York simboliza um lugar de independência, o cosmos onde ela pode moldar sua vida adulta com base em seus próprios princípios e decisões. Ao contrário do cenário da infância, repleto de tradições enraizadas, expectativas familiares e vínculos intensos, a cidade oferece um espaço onde ela pode integrar tanto as influências de sua família quanto as da cultura mundial, formando uma identidade única.

Para Hae Sung, o acesso ao cosmos é mais complexo. Seu período de estudos na China e a ida dele a Nova York para rever Nora talvez seja o instante em que mais se assemelha a essa noção de expansão. Contudo, essa vivência também evidencia o desafio de equilibrar o anseio por algo maior com a firmeza das raízes que o conectam à casa como arquétipo de lugar primacial.

Essas urgências de anseios ecoam no filme, especialmente em como Nora e Hae Sung vivenciam seus (des)encontros. O contato físico, os gestos e as expressões faciais carregam tanto familiaridade quanto estranheza, como se cada um estivesse diante de um "corpo estrangeiro".

Apesar de familiar, o corpo pode se transformar em um lugar adverso e desconhecido, particularmente quando se depara com traumas ou transformações drásticas. Se o corpo é um deslocamento situado no mundo, então, não serve somente como um recipiente, mas também como um repositório de vivências. Como explica Trigg (2012, p.200):

In the present, place is experienced as indeterminate and constantly unfolding. This is the realm of life, of freedom, a spontaneity carried out in the drama of the everyday. Place is open, life is possible. But that freedom gains a secure identity only by reconstructing what the remembering subject lacks in the present, and the method of reconstruction is embodied in the thickness of the lived-body. In effect, the materiality of the present undergoes unconscious mutation in order to adopt the impression that the previous self—that is, the self who is now lost—remains part of place in the present, and a place that continues to thrive.

O corpo traz a narrativa de nossas vidas, e essa narrativa pode se expressar de maneiras imprevisíveis, materializado na densidade do corpo experimentado, que transporta o momento atual e a transfigura, quase sem perceber a sensação de um corpo estrangeiro a nós mesmos.

Na cena do bar (figura 9), no ato final do filme, Nora e Hae Sung vivem um instante de intensa introspecção. Ao invés de tentar reconstituir o passado, eles finalmente se permitem a habitar esse espaço intermediário de convergência dos seus corpos-lugares

em que genuinamente suas recordações e aspirações entram em discussão. Seria esse um instante de resolução, onde o presente paira sobre eles como uma presença tangível? O fardo do passado, antes visto como insuperável, agora se abate sobre eles com a delicadeza de algo finalmente entendido.

FIGURA 9 – DUAS EXISTÊNCIAS QUE SE ENCONTRAM NOVAMENTE, CARREGANDO O FARDO DO QUE SE FOI



Fonte: Vidas Passadas (2023), 84min55seg.

Nesse momento de aceitação mútua, Hae Sung, expõe a verdade que apenas essa visita proporcionou como amadurecimento: “E se eu tivesse vindo para Nova York 12 anos atrás? E se você não tivesse saído de Seoul? Se você não tivesse partido, e tivéssemos crescido juntos, eu teria procurado você? Nós teríamos namorado? Terminado? Teríamos nos casado? Teríamos tido filhos? Esse tipo de pensamento. Mas a verdade que aprendi aqui é: você teve que partir, porque você é você. E eu gosto de você porque você é você. Você é o tipo de pessoa que vai embora.”

Pela primeira vez, eles entendem que o que experimentaram juntos. O que escolheram viver separados não precisa ser reconstituído ou revivido. Os personagens se permitem ser sinceros consigo mesmos e entendem que a vida continua.

A cena final do momento de despedida de Hae Sung e o abraço entre Nora e Hae Sung (figura 10) é simultaneamente íntimo e austero, marcado pela percepção de que, apesar de terem uma história em comum, agora são essencialmente desconhecidos um para o outro: corpos-lugares desencontrados.

FIGURA 10 – UM ADEUS SILENCIOSO AO PASSADO E ÀS PROMESSAS NÃO REALIZADAS



Fonte: Vidas Passadas (2023), 94min06seg.

Esse abraço não é apenas uma despedida, nesse toque, uma consciência da separação inevitável que os define no presente. É um ponto final de uma longa despedida de uma história compartilhada que, embora intensa, não se traduziu em continuidade. Ali, na calçada, sob as luzes de Nova York, eles não são mais as crianças que brincavam juntas em Seul, nem os jovens que projetavam futuros possíveis um ao lado do outro. São estranhos em muitos aspectos, moldados por vidas que tomaram rumos distintos, por culturas e por múltiplos lugares que os distanciaram entre escolhas que os colocaram em mundos opostos.

O desfecho é um cortejo ao que se foi e ao que não foi possível realizar. Trata-se de um reconhecimento melancólico, porém imprescindível, de que certas ligações e vínculos de lugares continuam como lembranças vivas, inviáveis de se converterem em realidades atuais, na quietude que cerca a espera pelo táxi.

Esta experiência, que poderia simbolizar uma perda redentora, na realidade representa a aceitação do atípico. Seria a incapacidade do lugar em nos sustentar, ou a nossa em mantê-lo? Esta conexão são relatos da vitalidade orgânica que preenchem os locais, que partilham conosco a mesma terra e diferentes ritmos da vida. O encontro dos dois testemunha como os lugares, tal como os corpos, são simultaneamente feitos e refeitos pelas ausências e presenças que os atravessam.

Ao se encontrarem, o corpo de cada um carrega o outro nas memórias e nas reações que emergem em torno do reencontro. O corpo de Nora, agora em Nova York,

está distante, mas ainda assim invadido pela presença da memória de Hae Sung e da Coreia do Sul. Para Hae Sung, o corpo de Nora, ao mesmo tempo familiar e transformado pelo tempo, reconstrói um sentido de lugar que já não é mais o mesmo. As trocas físicas entre os dois, o simples toque, o olhar, tornam-se expressões desse jogo de ausências e presenças.

A dimensão do corpo como lugar vai além da sua existência física, é o abrigo de lembranças, anseios e sinais deixados pelo tempo e pela falta. Em cada ato, cada ação, o corpo traz consigo os vestígios do que já foi e do que ainda aspira a ser. No reencontro entre Nora e Hae Sung, o desenrolar não se limita às palavras trocadas, mas também ao silêncio eloquente de seus corpos que, ao se aproximarem, despertam memórias e afetos adormecidos, convertendo o instante em uma oportunidade de reinterpretação de si e do outro, no que esse corpo carrega de passado e como ele reativa sentimentos e lugares de antes, que talvez nunca tenham sido completamente deixados para trás.

Esse retorno ao corpo, como lugar e espaço de vivência, não significa um retorno ao passado, mas sim uma renovação da relação com o tempo, o espaço e o outro. Ambos, ao se reconectarem, são também feitos e refeitos pelos novos significados que agora atribuem ao corpo e aos lugares que incorporam, ao se encontrarem dentro e fora de si mesmos e do outro.

O reencontro, portanto, torna-se uma dinâmica de ressignificação, onde o corpo e o lugar se entrelaçam e se recriam em meio a uma história de ausências, presenças e memórias, que continuam a reconfigurar o "eu" em relação ao "outro". O que Nora e Hae Sung possuem vai além de um momento, é um espaço de recordações, uma memória de um lugar entremeio às suas vidas passadas. Nele, o contato de um olhar ou a hesitação de um gesto revelam lugares que, mesmo estando fisicamente distantes, persistem em suas experiências sensíveis.

Corpo-lugar, aqui, transcende a ideia de um simples espaço físico e se transforma em um espaço afetivo. É na profundidade da nostalgia que o reencontro se torna tão arrebatador. Os lugares da infância, que outrora abrigaram seus sonhos, podem ter ficado para trás no mundo visível, mas ainda habitam os corpos de ambos, vivos e inabaláveis. Persistem como lugares que respiram, movem-se e são movidos pelas emoções e memórias que o tempo e a distância jamais puderam apagar. São espaços que transcendem o tangível, vibrando com a força do que foi e do que ainda é, carregando a eternidade em sua essência.

Os corpos de Nora e Hae Sung, ao se reencontrarem, revivem um espaço de vínculo, mas também de desencontro. O que antes era vivido em um contexto comum, uma realidade compartilhada, agora se apresenta de maneira fragmentada, pela distância emocional e pela transformação das próprias trajetórias de vida.

Nora e Hae Sung não sentem apenas a proximidade física, mas a maneira como suas presenças se incorporam ao corpo um do outro. A percepção de que são um corpo-lugar para o outro se manifesta no entrelaçamento de olhares, no toque delicado, nos silêncios que falam mais do que palavras.

O passado se reconstrói através do gesto, da respiração compartilhada, tornando-se vivo e palpável. Os seus corpos se transformam na linguagem mais cristalina de suas vontades, geograficidades e presenças, como se fosse o meio mais direto e puro de se reaproximar deste passado e do laço emocional que os conecta. Eles servem de ponto de retorno ao passado compartilhado, mas também os orientam em direção a novas possibilidades de significado.

Nesse espaço de encontros e desencontros, o corpo vivido transcende a materialidade e se converte em um lugar de transformação. Ele é, ao mesmo tempo, memória e desejo, despedida e permanência, um território que, ao se movimentar entre o que foi e o que é, reconfigura continuamente o "eu" em relação ao "outro". Nora e Hae Sung, ao se olharem, ao dividirem o mesmo espaço por instantes, tornam seus corpos não apenas lugares de si mesmos, mas também lugares de um vínculo que sobrevive às ausências e recria, no presente, a intensidade do que um dia foi.

6. Considerações finais

Pensando na dimensão fenomenológica do Cinema, podemos conceber o filme “Vidas Passadas” (2023) como um anúncio do mundo, uma narrativa que expressa a relação entre o ser humano e o espaço vivido, ou seja, sua geograficidade. Da mesma forma que o ser humano só consegue compreender o mundo através de sua imersão nele, o filme surge como resultado dessa simbiose, transformando as vivências existenciais e espaciais em uma linguagem audiovisual altamente simbólica.

Dado isso, o cinema se converte em um ato de construção de visões de mundo, uma geografia compartilhada com e através do mundo, solenizando a interação constante entre o ser humano e a Terra, entre o habitar e o narrar.

No entrelaçar do Cinema com a Geografia Humanista, surge a visão do ser humano como essência que alimenta uma geografia viva, pulsante e fiel à complexidade da realidade. Cada espaço se torna, assim, uma extensão de sua alma, e cada história contada, uma reverberação do vínculo eterno entre o indivíduo como um ser capaz de criar narrativas, mitos e geografias, o ser humano também reflete, através da arte, os vínculos e os significados que constrói com os lugares que habita.

Em vista disso, podemos enxergá-la como uma chance para refletir sobre o processo de existir, uma chance ideal para ponderar sobre as raízes que sustentam o mundo onde vivemos. Neste cenário, a geograficidade se manifesta através do desvendar do encontro entre a terra e o mundo, demonstrando uma sensibilidade em relação à conexão existencial que estabelece com o ambiente ao seu redor.

Essa sensibilidade é evidenciada no que pode ser conceituado como a experiência do corpo com o mundo, que expressa a indissociabilidade entre a consciência humana e os sentidos corporais. Trata-se de uma manifestação da relação intrínseca e profunda entre o ser humano e a Terra, afinal, nosso corpo é o mundo que nos habita, é a condição de o homem ser constituído pelos elementos terrestres.

Portanto, ao adotar uma abordagem fenomenológica-existencial, “Vidas Passadas” (2023) nos convida a revisitar a indissociabilidade entre o ser e o mundo, destacando a experiência como elemento central da análise geográfica. Os significados comunicados pelo filme estão enraizados na própria paisagem cinematográfica, nas imagens, nos diálogos e nos silêncios, revelando a profundidade das relações entre memória, lugar e subjetividade.

É a oportunidade de perceber que os lugares não são entidades isoladas, mas sim espaços vivos, imbuídos de histórias, emoções e significados que interagem com as

trajetórias individuais e coletivas. A cada fotograma, somos lembrados de que nossas histórias estão entrelaçadas com as histórias dos lugares. A obra nos convida a refletir sobre a poesia das (im)permanências.

Ao vivenciar a jornada de Nora e Hae Sung, o espectador ressignifica sua própria trajetória ao reconhecer que os lugares não são apenas espaços geográficos, mas também repositórios de memórias e afetos. A obra demonstra que o lugar, o tempo e a memória são os pilares fundamentais da existência humana. Eles não podem ser compreendidos isoladamente, mas sim como forças interligadas que dão forma à nossa experiência de estar no mundo. Habitar é a maneira como os humanos pertencem ao mundo. O tempo não apaga os lugares, ele os transforma em presenças invisíveis que moldam nossas vidas.

O filme propõe uma jornada introspectiva, convidando-nos a (re)descobrir as raízes de nossa existência e a complexidade dos laços que nos unem aos lugares e às pessoas que amamos. São histórias quase que universais sobre as escolhas da vida e os lugares que habitamos, sugerindo uma abertura a outros modos de existência e de vínculo com o mundo. Através de uma narrativa que transita entre passado e presente.

Ao explorar as geografias do afeto e da lembrança, o filme nos convida a cultivar um olhar mais atento e sensível para os espaços que habitamos, reconhecendo-os como partes fundamentais de nossa existência. Trata-se de uma proposição sensível de novas geograficidades, que valorizam o maravilhamento e a profundidade da experiência na e da Terra.

7. Referências

- BHABHA, Homi K. **O Local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BUTTIMER, Anne. Grasping the dynamism of lifeworld. **Annals of the association of American geographers**, v. 66, n. 2, p. 277-292, 1976.
- BUTTIMER, Anne. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. **Geograficidade**, v. 5, n. 1, p. 4-19, 2015.
- CHAVEIRO, Eguimar. Corporeidades e Lugar: Elos da produção da existência. In: MARANDOLA, E. JR.; HOLZER, W. e OLIVEIRA, L. (Org). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 249 -
- CINELLI, Carlos; TORRES, Marcos. Entre as geografias narradas e os imaginários geográficos. In: DOZENA, A (Org.). **Geografia e arte**. Natal: Caule de Papiro, 2020. 432, p. 175 – 208.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Formas simbólicas e espaço: algumas considerações. **GEOgraphia**, v. 9, n. 17, 2007.
- CORREIA, Marcos Antonio. Ponderações reflexivas sobre a contribuição da fenomenologia à geografia cultural. **RA'EGA** (UFPR), p. 67-75, 2006.
- CRESSWELL, Tim. Towards a politics of mobility. **Environment and planning D: society and space**, v. 28, n. 1, p. 17-31, 2010.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. (Trad. Werther Holzer) São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.
- DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. **Lugar Geopsíquico: onde a Psicanálise e a Geografia se encontram**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2022.
- DO NASCIMENTO, Francyjonison Custodio. **O dever de sonhar em Geografia: os geógrafos como aprendizes do espanto**. Geografia, v. 46, n. 1, p. 1-22, 2021.
- GUSTAFSON, P. Place Attachment in na Age of Mobility. In: MANZO, Lynne; DEVINE-WRIGHT, P. **Place attachment: Advances in theory, methods and applications**. Routledge, 2013, p. 37-48
- LEWICKA, M. In Search of Roots: Memory as an enabler of Place Attachment. In: MANZO, Lynne; DEVINE-WRIGHT, P. **Place attachment: Advances in theory, methods and applications**. Routledge, 2013, p. 49-60
- OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. **Lugares geográficos e(m) locais narrativos: um modo de se aproximar das geografias de cinema**. In: MARANDOLA, E. JR.; HOLZER, W. e OLIVEIRA, L. (Org). Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 119- 154.
- SEAMON, David. Place attachment and phenomenology. In: MANZO, Lynne; DEVINE-WRIGHT, P. **Place attachment: Advances in theory, methods and applications**. Routledge, 2013, p. 12-22

SERPA, Angelo. **Por uma Geografia dos Espaços Vividos: Geografia e Fenomenologia**, Contexto, 2019.

SCANNELL, Leila; GIFFORD, Robert. Comparing the theories of interpersonal and place attachment. In: MANZO, Lynne; DEVINE-WRIGHT, P. **Place attachment: Advances in theory, methods and applications**. Routledge, 2013, p. 23-36, 2014.

SOARES DA SILVA, Marcia Alves. **Por uma geografia das emoções**. GEOgraphia, v. 18, n. 38, p. 99-119, 2017.

VARGAS, Gloria Maria. Em busca sentido do lugar. **Caminhos de Geografia**, v. 19, n. 65, p. 328-338, 2018.

MARANDOLA JR, Eduardo; DAL GALLO, Priscila Marchiori. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. **Revista brasileira de estudos de População**, v. 27, p. 407-424, 2010.

MARANDOLA, E. JR, **Lugar Enquanto Circunstancialidade**. In: MARANDOLA, E. JR.; HOLZER, W. e OLIVEIRA, L. (Org). Qual o espaço do lugar? geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 227- 248.

MARANDOLA JR, Eduardo. Lugar e lugaridade. **Mercator (Fortaleza)**, v. 19, p. e19008, 2020.

NEVES, Alexandre Aldo. **Geografias de cinema: do espaço geográfico ao espaço fílmico**. Entre-Lugar, v. 1, n. 1, p. 133-156, 2010.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia. **Corporeidades...** Inspirações Merleau-Pontianas. Natal: IFRN, 2016.

FIORAVANTE, Karina Eugenia. **Geografia e Cinema: a releitura dos conceitos de espaço, paisagem e lugar a partir das imagens em movimento**. Ateliê Geográfico, v. 12, n. 1, p. 272-297, 2018.

QUEIROZ FILHO, Antônio Carlos. A geografia vai ao cinema. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, v. 19, n. 1, p. 61-70, 2011.

QUEIROZ FILHO, Antonio Carlos. Geografias de Cinema: a espacialidade dentro e fora do filme. **Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia**, v. 5, n. 2, p. 73-91, 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Cosmos & hearth: A cosmopolite's viewpoint**. U of Minnesota Press, 1996.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

TRIGG, Dylan. **The memory of place: A phenomenology of the uncanny**. Athens: Ohio University Press. 2012.